

# Poesia



# LUANARY

Copyright © 2007, by Adriano Botelho de Vasconcelos &  
União dos Escritores Angolanos

**Prefácio:**

Jurema José de Oliveira

**Capa:**

Desenhos na areia

Sonya

**Contra-capá:**

Mãos do autor e da filha Janaína de 5 anos.

**Revisão:**

Ana de Sá

**Verbete do escritor:**

[www.uea-angola.org/link:Bio-quem](http://www.uea-angola.org/link:Bio-quem)

Depósito Legal N.º 4149/07

**Tiragem:**

1.000 exemplares

1.ª Edição: Luanda, 2007

Colecção: «Guaches da vida» n.º 36

Todos os direitos desta edição à UEA

Site – [www.uea-angola.org](http://www.uea-angola.org)

Fax: 222 323 2505 / 222 322 421

E-mail do escritor: [vasconcelosab@yahoo.com.br](mailto:vasconcelosab@yahoo.com.br)

ADRIANO BOTELHO DE VASCONCELOS

# LUANARY



União dos Escritores Angolanos  
«Guaches da Vida»



*«Não penses que não te viu este que aqui escreve.»*  
Bertold Brecht

*«Por trás da montanha está o dia que tem de avesso  
essa noite vivida no quintal da casa onde a sombra  
mais parece a velha que no fim da vida  
manda seguir devagar as gaivotas  
e as metáforas das coisas caem como quem fecha  
o mundo na dor...»*

Vasconcelos, AB, *Olimias*, Luanda,  
União dos Escritores Angolanos, 2005



*«Pegamos no passado para sabermos como os nossos pais  
aqui chegaram com as mesmas utopias em algum pátio  
do tempo maltratado.»*

Vasconcelos, AB, *Olímias*, Luanda,  
União dos Escritores Angolanos, 2005



*«Solidão é não encontrares em tuas entranhas  
uma luz capaz de cuidar dos relevos  
e lamas dos teus caminhos»*



1. «Estou no ringue para indicar o que posso segurar através dos meus ranhos e cobrar do mundo». Bandeiras com *pensadores* em ouro e até um despacho do rei preparam essa luta onde cada um dos contendores buscará a sua verdade sem que ninguém saiba porque nos querem mais frágeis e infiéis. Um abismo vence sempre o alcance dos olhos. Existe uma neblina muito entrançada que faz a aurora do Uíge e os anjos cheiram a bagos de café: são espelhos cujo valor de distância só Deus sabe manter mesmo quando o céu é um azul intenso e mais próximo dos mendigos. «Trago um juiz para a luta pois preciso de abrir a sua bíblia na página mais amarrotada e suja com óleo de palma e funge. O seu silêncio (o martelo) fez a noite ser mais longa pelo rabo de uma cobra que toca os tambores que ainda guardam as lágrimas dos kombas».

1.1. «Oh, ofereço-te a minha glória para ter o teu perdão porque toda a entranha é sempre não sabermos o que seremos. E pior será herdar esse elogio que me faz outro dentro de uma moldura que se parte porque o tempo levanta das trevas as telas das nossas existências apesar dos labirintos que usamos para ser intocável a fragilidade do nosso *eu*, esse fundo que nunca nos deixa lá chegar mesmo nas horas que são tocadas pelo vermelho amarrotado das vestes de Cristo». Um fuzilado com as suas 17 estrelas de sangue e só a Bíblia guarda o seu encanto nas folhas que a mãe rasga com as duas pontas afiadas da cruz onde Deus se rende diante do mundo: “*Oh, Pai, o que foi que eu fiz?*”. «Oh, meu filho, deixa de me culpar o teu tempo de pedra, asas desfeitas, seus pilares de oiro esculpido de como se aumentam as desgraças sobre o que fui glorioso», «Ah, bastou uma unha de vidro sobre os meus actos que eu próprio os colocara em bastante altura, vaidade e castiçais d’oiro para sofrer, até porque toda a morte precisa da anamnese do coração para que alguém soletre com peso o nosso nome diante de qualquer megafone ou historiador com fome». «Aceitamos o jogo ensaiado pelos dramaturgos que são os que melhor dão feições e nomes aos nossos egos e quantas vezes o que se faz tem insónias e mãos em loucuras que não os nossos tementes gestos de resignação. E podes

(Cont.)

ver quando choram em palco como o engano  
e suas enguias colocam o mundo numa pirâmide  
caída. Vives com o que inventas de ti próprio  
apesar de gritarem pelo teu nome e de olhares, esquecido  
de que não podes reconhecer a infância apesar  
de a manga brilhar em tua refeição. Sabemos que a melhor  
salvação do herói precisa de um vazio e crenças  
cuja bacia de ferrugem tenha arestas pontiagudas  
e damos emprego e delírio a um ideólogo que despreza  
as suas próprias palavras. Defendes com febre não  
a sua humanidade, esse rosário da vida que mais pesa  
nas contas que só Deus sabe subtrair, nem o que nos veio  
pela sua confissão, mas sobram-te garra e pejo  
pelo dourado bastão do soba, apesar de a tua verdade  
nem poder dormir sozinha  
na almofada dos elogios  
fúnebres».

*Vasconcelos, AB • 15*



2. «A eternidade do soba nunca se medirá pelo que pensas da sua vida, sabes que existem desgraças como toda a cruz tem os seus pregos, o sol tem a sua montanha como leito, mas algo levanta fácil o dedo indicador dos jovens que gostam de encontrar as navalhas escondidas nos panfletos: capim de chuva. Os elogios estão num papel rosa delicadamente preparado pelos poetas que são quem melhor conhece o perfume dos palácios, os batons e seus cálices de oiro porque sempre foram ajudados pela mão esquerda onde o diabo mais se demora em impulsos de baloiço que vencem os cavalos e a vida é levada num balaio à deriva nas águas turvas e agitadas do rio Kwanza: cegos», disse Tiba que gosta de enfeitar a sua tumba com balanças abandonadas pelos Juízes.

2.1. Na pá do coveiro de Santana o mundo é minguido, casas sem portas e só uma oração te pode oferecer o lugar de diamante. «Oh, queres o meu perdão ou a minha amnésia?». «Apenas isso: não te quero ver à frente de todos os jardins e rotundas, apontando para uma direcção que fosse céu e bondade, luz, milho torrado e terra porque até os mendigos seriam capazes de te dizer no mais concorrido comício que nem todas as lianas, apesar das suas sombras fechadas, servirão em bom mel à tua ambição». Uma mãe interrompe: «Oh, soba, nenhuma amnésia torna baça e menos útil os contornos da verdade, é como a aguardente de boa pinga que apesar da sua pureza queima. Ah, pobre soba, até parece que o vosso dedo indicador e sua rigidez poderá corrigir as utopias onde mais nos pesa em gangrena a imagem do país. Um reino, apesar dos seus cofre, sabre e metrópole engalanada, guarda-se com a mão da bondade. Ah, só foi suficiente uma mãe (uma pedra deixa marcas) ocupar o batuque e clamar pelo nome do seu filho e toda a sanzala teve de ficar em exílio de si mesma».

3. «Um reino apesar dos sabres mais afiados  
guarda-se melhor com o excesso de bondade»,  
fez-te lembrar o velho Tiba quando te foi mais íntimo  
o sangue das vítimas na Cadeia de São Paulo.  
Só o coração sabe afeiçãoar a irmandade porque tens  
de saber como tuas mãos, apesar de exímias a medirem  
a espessura das pepitas d'ouro, servirão mais  
se puderem com a ajuda dos joelhos e seu chão  
de pedras lavar os pés dos doentes  
do Sanatório. Ainda que enxugues os seus pés, percorras  
sozinho o corredor onde os seus escarros  
de sangue e pus são espelhos onde Deus brinca  
com o sol e seus curtos lugares, terás de vestir  
a batina de sua vida, ouvir como em ti se faz  
sem amnésia a identidade dos outros  
ou como perdes o teu próprio rosto maquilhado  
para seres tão visível como as paredes do cemitério  
da Santana, altas e pintadas de cal  
branco. «O sol estava brando, os kandengues  
no quintal já tinham os pássaros na mão. Quem poderia  
tocar nessa película de vida que só se parte  
no meio do mundo? Bastou uma nuvem  
de gafanhotos e pela inesperada escuridão sentiste  
como tudo se pode ruir através de fios cintilantes de sol  
e nem mesmo o pólen que rodeia a manhã  
conservou o brilho que Deus sabe deixar  
em larga planície de gazelas». «Não, não chores,  
toda a obsessão ameaça a imagem da infância,  
porque o labirinto que estraga a planície  
tem uma garganta de vozes  
que só vivem atrás da insónia: quem mais  
amaste criou um espaço de papelão onde África  
não gosta de se ver  
filmada».

3.1. «É uma pintura?», perguntou o Secretário do museu que teve de olhar novamente para as cinzas dos seus dedos. Não entendeu como perdeu a folha que deixara os vestígios de um tempo que não pode ter a melhor terra capaz de por ela toda a verdade apaziguar a alma. «Aqui, pela tua curiosidade, toda a história fica sem batina comprida, nu diante desse exemplo que ofereces com o sangue da tua família. Sentes a idade do musgo, são pedras, templos e ferros corroídos como se por essas mesmas antiguidades e prumos fizessem a inclemência do nosso destino». Sob a largura das entranhas deixas algemado o jacaré de patas largas como se só um pilar de pedra preta e de dois andares tenha como marcar pelo seu próprio limite e peso a salvação do dia que foi esperado quando os filhos foram acordados com coronhadas, cuidados por Lenine de óculos partidos e levados para as cadeias que já tinham cativos e com mofo os seus mártires antigos: «Oh, Pátria, queríamos ser os únicos untados com azeite das lamparinas que protegessem a nossa sorte, aqueles que passassem pela dor de Njinga como se fosse bálsamo e trigo para toda a epopeia, mas não podemos deixar de sofrer com os irmãos que pior dor, sina e morte receberam de seus camaradas e compadres que reuniram na utopia toda a lama e fel que vão entrar a eito pelo postigo blindado do nosso museu».

4. «Oh, rei, vais perder o dedo indicador e a tua túnica de seda da Índia se ouvires com o coração os teus conselheiros. Os umbigos e elos não criam filhos de peito por mais fiel que seja a jura. Os profetas preferem guardar em sangue o que nunca te dirão os ministros porque só na montanha cheia de oliveiras que abandonaste poderás ouvir o eco de teu ego e reconhecer o alcance das suas palavras. O vento da montanha faz os filósofos. Os mestres cuidarão de tirar os picos na planta dos teus pés, apesar de vedares os seus olhos porque conhecem o chão onde o fogo mais crescerá com o vento». Esse fruto silvestre, um lago com águas turvas e olhas para dentro dos objectos, corre um leito (de lama?) que não podes oferecer por ser menor o que vais possuir.

4.1. «O pote de mel aberto permite que em suas mãos a pureza que guarda as asas das abelhas que inventaram a casa e seu tecto possa simplesmente ser o desejo do que lhes falta em mais oásis, prova de vida que os leva a acreditar que a eternidade está nas escadas de mármore que leva à sala nobre das nações onde a Bíblia é aberta na página onde Deus avisou que para cada um de nós existe o tempo de choros e um outro tempo de bonanças». «Toda a cumplicidade não pode ter a parte mais íntima no cofre e o que é material só vive pela troca desigual. Sempre vivi dessa solidão. Uma cantina, por muitos cinzeiros cheios de metades de cigarros, não pode fazer a conta da utopia e nem as suas conchas de cinza podem dispersar as sombras numa muralha de sal que inclina as minhas horas na lagoa de Malange onde nascem os bagres que não posso prender em minha rede. A dor cria sempre um poeta capaz de enganar por cima do espelho do lago a utopia com as mesmas artes e metáforas que usas para salvar o amor e seus orgasmos». Toda a cidade tem o seu porto nas portas que ficam abertas depois de à noite perderes com rascunhos o teu próprio nome: mulheres. «O batom é forte em cheiro e cor, abres uma janela quando passa o último soldado com a ideia tirada do postigo que deixara passar por força da intimidade o que faz em fogo a dança guerreira, e podes pedir-lhe algo mais do que o seu peito: ele dir-te-á não porque quer viver com esse verso que mais faz descer a lua em teus braços».

5. «Oh, meu rei, se puderes com a tua bondade dar preço ao que te peço, a sanzala saberá como é cristalino e sem cacos o teu coração. No trono levantas com silêncios e puro desdém longas paredes de gelo que não deixam passar uma tarde de chá para confortar os que melhor te servem para poderem dizer o nome dos seus kandengues e falar das fragilidades como os mercúrios pintam os joelhos. E essa é uma cicatriz que mais encruzilhadas deixa para não te tomares pelas tuas próprias suspeitas. Preferes perseguir o estilo das vénias, um micro no meio do palco cerca o silêncio e as frases que desdenhas abrem campos de algodão, mas louvas a imagem do que não somos: teatro». Todo o jogo precisa dessa ambição, brasões rasgados com os erros e glórias que encurtam os espaços e desfazem o que mais faz eterno o diamante porque os elos da vida passam leves pelas sombras e onde se partem não podes divisar o seu fragmento. «Queres mais ouro? Só por dentro podes conhecer o seu leão e os dois cotovelos de luto. É um cristal que mais faz sobressair o estilo da terra, ponta de brinco que faz a vaidade da eternidade com hinos à glória por mais antiga que seja a guerra que faz sobreviver os generais e vender a razão das lutas», falou o Tiba.

5.1. «Oh, meu rei, deixaste que eu tocasse alto e garboso o meu kissange, que o melhor vitelo de sábado chamasse através dos olfactos os primos e vizinhos que mais sabem cuidar da inveja porque fazem vigias nos dois cantos dos quintais. O mel não faz um deus sentar-se à mesa como seu único momento de valia e uso de bordados entre brilhos de amarelo e taças guardadas no meio de duas pepitas d'ouro. Oh, como o coração os trai em afectos até abrirem em brindes o horizonte. Todo o altar é prova de uma luta nocturna que faz baixar o céu no seu melhor esplendor e os cristais numa lente ligam os sonhos que desafiam a inércia: eu estive nesse baloíço de sisal, só Deus escorregou. Um cavalo é abandonado pelo capitão que cortou a sua mão direita, mas a verdade não se faz ouvida mesmo que se esteja sentado na pedra mais pesada da montanha. O vulto de uma mulher ilumina a primavera e é escrava. A casa gira solitária e sem a vaidade dos aniversariantes. Um som de kissange abre ainda mais o sossego que só Deus sabe arrumar usando as asas das gaiivotas».

6. «As gaivotas já foram crianças abandonadas ainda no berço e podias chamá-las de José. Os nomes não podem fazer o registo da utopia porque até o sol apesar da sua altura nunca oferece o céu para que mais loucos fiquem assustados à porta do teu palácio. Oh, rei, tiraste-me o pote de mel e só precisaste de um café sem açúcar! O movimento da colher empurrava a sala oval, terrinas de oiro vazias ficaram cheias dos meus objectos: anéis, colares... chaves de um BMW, em rotação diferente, como abrupta queda de mim mesmo. Era só veres como iluminada estava a foto do tio que eu abandonara, as minhas lágrimas nada podiam fazer. Antes de chorar com os filhos, já os mais fortes da sanzala tinham abandonado o meu quintal e percebi como a solidão é vizinha da penúria».

6.1. Todo o poder tem o seu próprio oratório  
onde um copo de água benta abre a sorte numa longa  
linha de céu perfeito. Os pesadelos por culpa do que vês  
para lá dos teus pulsos até pode criar pesadelos  
que te oferecem máscaras e perdes o que sabes  
melhor de ti próprio. As penas tornam a noite numa incógnita  
e os morcegos ocupam o altar. «Oh, meu rei, ainda sinto  
o tilintar do ouro apesar dos destroços do que não me podes  
mais afortunar! O sábio em mim abandonou  
a sua crista. Afinal, vivi muito tempo um eu  
que quis disputar o mesmo espelho onde o rei desfila  
os seus galardões e cofre. Ah!... a vida gosta do percurso  
inverso das águas que passam velozes pelas gargantas  
de pedras salientes para atingirem o mar: sina. Atravesso  
descalço a sanzala e nenhuma porta se abre e um medo  
de marfim levanta um espelho sujo onde vejo  
sem céu azul os papagaios da minha infância». Olhas  
ainda para o ouro mas nessa longa viagem  
só um endereço te leva à casa erguida  
numa montanha até para que o teu céu  
fique preso nas suas torres  
de cristal.

7. «Usaste a minha mão direita como ponta da tua vaidade. Fechei portas para que não visses os lábios gretados pelo sal da verdade que te fariam adoecer porque queres morrer com aplausos e com todos à volta de ti até para que cada um apague em si mesmo o seu próprio sol e razões. As palavras só traçam uma doutrina onde se guardam os rosários que fizeram a velocidade do leão: fracos». «Oh, meu filho, lá onde chegou a tua mão não pode ter a marca da minha avidez, em mim ela é solitária porque nunca desejei que dobrassem o pano de luto da velha Fina», «A velha Fina do Têmbua?», «Sim, foi ela quem confessou em plena Chana do Leste que os nossos olhares, apesar do mesmo horizonte que nos rodeava, os únicos ângulos, tinham cores díspares que Deus não saberia retocar e misturar para nos servir em melhor bandeja a bondade».

7.1. «Essas folhas no chão mais se parecem com as vidas mortas», «A palavra tem outro ouro quando a única riqueza só te pode dar o céu que já se estende na cabeça de marfim da velha bengala. Que tempo queima as folhas onde um louco coloca todo o coração do mundo?». «Pelos teus favores se faz o mundo», «Oh, meu servo, sempre duvidei do preço das tuas acções, o que pensas teres-me dado em mais saúde e protecção. Rejeitei a caveira que escondeste com laços de ouro no meu bastão: Oh, meu ex-ministro, o tio Kaguty Ngola ainda ontem mostrou como deixaste o seu corpo marcado pelas tuas mentiras». «Essas chagas dizem fazer conta das tuas intrigas porque negas a memória por ser muito facial essa perda que desfaz as horas e deixa mais visível a forma como se morre abandonado em teu âmago». «Nem mesmo o castiçal cheio de terra faz a força da herança porque toda a aurora treme diante dos teus gestos. Sabes usar o punhal no seu corte filigrana, sem que a língua te pese todas as razões que fizeram a nossa juventude: silêncios». «Os búzios rodeiam o tornozelo da virgem dançarina como se depois de escolhermos o chão dos êxtases todo o prazer te levasse a desprezar o valor do nosso sangue». Uma pirâmide corta hoje o teu horizonte e tudo fica nos contornos íntimos dos teus medos até o pilar sinalizar o deserto. «Precisas outra vez de usar a voz que conhece as chagas de sede e os cárceres não fizeram morrer as palavras usadas no panfleto aberto como a única lua da nossa terra».

8. É em todas as interrogações que a luz  
parte ameaçada, apesar da sua intensa presença  
descobrir o que pode designar de sina e sombra.  
«Não, meu rei, onde está a panela  
de bronze pesado e talhado, cheia de sangue do mais  
forte cabrito do velho Kanguty para que cada  
uma das suas palavras seja vigiada por Deus  
cujas túnicas nunca se sujaram nos palácios?»,  
«Oh, pobre servo, nada pode demorar  
em vantagem e preciosidade  
em tuas mãos porque inclinas o mundo  
às tuas insónias  
e apesar dos teus cuidados  
mexes sempre na sua  
coroa».

8.1. «Oh, meu rei e guia, o que demora em minha mão é como um balão guardado pela criança que nunca fui, a mais pobre do Inkua. O céu como uma seda leve, uma asa de anjo que se deixa ficar num triciclo que faz a curva do mundo de onde posso tirar a rodos a minha alegria e por essa forma fértil de felicidade devo-lhe o meu reconhecimento», «Oh, meu servo, toda a palavra é filtrada pela paixão o que o coração não sabe medir, a perícia da vida sempre confiou o seguro numa razão que mexe com a cobra que corre diante do teu desejo». Tens o poder, mas precisas de levar contigo os gemidos da tua vítima guardados numa concha que perdeu o mar, são desses ouvidos de água e nações que a tua loucura precisa. «A cobra abandonou em tuas mãos a sua pele fina e a tua fúria não soube criar o invisível», interrompeu Tiba. «Oh, meu único Rei, olha que o sangue, o seu serviço diante do corpo da verdade pode deixar que a memória não Lhe ofereça toda a luz dos terços. E as águas dos castiçais deixarão fendas porque nenhuma mão ficará limpa apesar da terrina de ouro servir em água cristalina a higiene do palácio». Podes lavar as mãos com as toalhas dançando nos candeieiros de cristal, mas é a pedra entre dedos que aumenta essa insónia que te oferece os caixões como prenda.

9. Nos escombros as razões arrastam-se  
pelos mesmos farejos das ratazanas ou se pegares  
num castiçal d'oiro não vão as suas luzes  
poder espalhar a aurora porque essa chaga  
não se cura só por olhares  
demoradamente o quarto de um hospital  
até que te caíam as lágrimas por ahares  
sem valor todos os poços de petróleo que rodeiam  
os condomínios de Talatona. «Olha como todos  
os dias levantas as muralhas que abandonamos,  
como soçobraram os cavalos que empurraste  
para as últimas batalhas. Encurtas  
o laço de cetim que não prende a caverna  
e as lianas ao mastro da bandeira  
que esteve sempre caída. Não tens  
como seguir os sonhos, o céu é curto,  
pois todos os cavalos estão sem esporas de aço  
e o chão é duro para que as loucuras cubram a vida  
dos reis. Sem que soubesse muito mais das batalhas  
seu xadrez humano, cavalos e anjos, estive sete dias  
sobre um palco onde pude usar a roupa suja  
de um mutilado». «O mar diante da tua janela  
deixa em teu âmago malas abertas  
que escondem o que já não podes  
cuidar como parte  
da tua glória».

9.1. «Oh, pobre caçador de sonhos, com a tua astúcia  
vivi o pior de mim! Fui um travesti que quase perdeu o nome  
e não contente com o que me caía em dor  
pelas interrogações querias maquilhar com a ponta  
de uma navalha as minhas pálpebras.  
O tio Kanguty confidenciou como levaste longe  
os meus punhos quando já era visível  
que afinal tinha sido no muro  
branco do horizonte que mataste sozinho o jovem Estaline  
que se ocupava das minhas palavras», «Oh, meu  
rei (meu pai?), sei que não posso  
responder-lhe em igual latim  
e esforço de entranhas, mais inibidor são as nossas chagas  
antigas que atravessam como uma espinha curva  
as minhas pobres palavras...». «Deixa interromper-te: toda  
a humildade que recebi de oferta já foi ensaiada em custo  
pela mais longa desilusão». «Sempre lhe dissera  
que uma cabeça se corta como quem leva  
consigo toda a aurora: o que lhe parece ter sido levado  
pela minha ousadia, saiba que já lá estava  
com o banquete que serve de feição  
à epopeia». «Oh, rei, que idade tem a nossa desilusão  
quando sentes que todo o tempo  
é um ontem sem brilho, uma corcunda  
de salalé que não podes  
mudar?», perguntou  
o Tiba.

10. «Os confrades deveriam comer no mesmo prato,  
mãos cheias de azeite doce como se preparassem  
a divisão do pão sobre a mesma tábua  
sem saberem como na Kanjala a vida está nos cabelos  
d'ouro do milheiral onde dois soldados durante  
duas décadas disputaram com sabres  
envenenados a mesma carne  
de poko que ficou em melhor  
exposição para a esperteza das águias. Assim  
como o amor é vivido pelas mesmas dúvidas, também  
é o que brilha que mais divide o momento  
em que emprestas a tua perfeição  
para que uma linha de mármore e algodão do Lombe  
deixe macio de berço o que parece ser rugoso  
no que a vida mais  
nos oferece», Tiba corta os seus  
versos com as nossas  
vidas.

10.1. «Quem tu és? Diz o nome que te empresta  
essa dignidade e afronta nas advertências que usas quando  
mais preciso de ser único e intocável. Uma coroa  
não pode ter cópias e a afinidade não se mistura  
nem se escolhe nos banquetes  
apesar do esforço que fazes em ser mais  
convincente como se o mel fosse tua criação.  
Direi que até parece que tens de emprego  
o uso das palavras como uma cobra  
precisa do poder do seu veneno na força  
que não pode ter o seu encurvado e penoso  
rasto porque o céu lhe fica como uma tela  
onde Deus brinca com a terra que o cobre  
em destino: rastejar. Quem és, afinal?». «Ah, a morte precisa  
dos veios de vida para fazer brilhar o seu caos através  
da vossa loucura». Os reis gostam de passear  
pelos cartórios para trocarem as estantes que fazem  
as classes. Não podem deixar que o poder de uma ficção  
impeça os adjetivos de fazerem as suas aguarelas  
no bar «Seios do Prenda». «Ah, sempre andei sem nome,  
assim cheguei muito perto de João  
sem que ele soubesse distinguir o meu eu  
apesar do lenço não enxugar todas  
as minhas lágrimas e os seus sangues. Não se é  
o que outros querem que sejamos muito aquém  
do que somos quando nos enfeitamos  
diante dos espelhos apesar das atenções  
que vão longe em amnésia valer  
no que se herda  
dos pais».

11.«Oh, pobre Tiba, o que tens de amor por mim  
dava para montar uma ficção  
e o meu rosto seriam duas bochechas  
para tambor até dos kandengues. Essa é uma loucura  
que não se pode aproximar da coroa  
apesar das mãos que ostentam o seu perfil como anéis  
de muitos noivados. Não tens  
como impedir que os dias andem pelas contas  
dos dados, nem podes viciar a toalha  
que destaca as paisagens com as suas intratáveis  
inclinações. Será mesmo pelas tuas máximas que passará  
a decisão inclemente dos ministros (Oh, como eles  
me amam!) em deixar cair sobre a tua vegetativa  
vida uma cruz pesada: é no chão enlameado  
com bostas frescas que devem  
ser vergados os teus filósofos e suas torres  
de ouro abaladas pela coroação de um tempo  
preso à batina  
do padre  
Pedro».

11.1. «A cópia da coroa está dentro das nossas vidas porque precisas que os nossos egos só vivam de ilusões e que tudo pareça que é pouco, até que cada um se torne demais e estranho a si próprio. Oh, rei, é o vento que mais cuida das minhas ideias, assim como levanta um papel do chão ou em melhor aguarela os papagaios de papel. São por essas asas invisíveis que te chegam aos ouvidos os meus sonhos que persigo com valias que conseguem pouco porque a verdade não anima os conselheiros do palácio apesar de teres a montanha e seu forte como tua melhor cidade». O que chega pelo vento leva sempre silvos e aproximações que não são os que os chifres guardaram como parte da sua única luta. «O disfarce é uma fisionomia que enche o bolso dos assassinos e o bobo ama a ousadia que oferece sem flashes os cinco deuses a saldo na praça do musseque Cazenga. Tudo tão fácil porque o mundo é sempre imperfeito desde que Deus disse: “Entendam-se, toda a vida tem os seus próprios vermes até para que dela viva em húmus o que se tenha fortificado como o manto da esperança”. Eu receio que queiras uma outra citação, apesar de essa já ter muito das minhas dúvidas e idade. Não sei porque não a tomas como algo que é o mais perfeito retalho das nossas angústias», o Rei fechou as cortinas da sala, a escuridão entrou como um galope lento: a morte: «Oh, Tiba, não fujas do salão, alça toda a força, para ti entregarei a minha espada porque um cavaleiro como eu tem guerras que não pode terminar».

12. «Oh, meu rei, o Tiba diverte-te com palavras  
(restos de vogais que os poetas usam  
porque querem deixar os circos  
vazios)  
como se nas suas pontas tivesse guardado numa vogal  
o filósofo da nossa infância e o mel caísse bem pastoso  
nos teus lábios. Uma vidraça que divide o tempo  
apura a tua solidão porque sentem as mães que é inútil  
olhares para dentro das incógnitas, única pobreza  
do templo que permites levar a casa». A morte exhibe-se  
com assepsias de ouro, um soldado chora com o que lhe sobra  
do coração, está perdido porque oferece o seu horário  
de pedra que dança com as incertezas  
que vigiam os dias. «Dois dedos fecham  
o que a morte gosta de enganar com laços  
que entortam o sonho numa  
cova de mármore  
branco».

12.1. «A morte que fecha os olhos com seus tampos de pedra preta não deveria ser capaz de apagar as imagens que fizeram as idades, seus olhos fundos como paredes do âmago. E pudéssemos escolher uma caixa de costureira onde guardar os momentos escolhidos sem o vício das obsessões porque aí a música não pára porque sua partitura são todas as velas do mundo que se acendem quando a dor lhes dá mais pálpebras que gostam de fazer durar o luto». «Deixa-o nessa luta sem tréguas, o maboque não deixa na sua base oval crescer a aresta por onde se estende a natureza da sua fragilidade, só a pedra de ponta afiada nos serve em amplitude a sua entranha». «A pedra tem feito o homem, ainda ontem o morto do último relatório da polícia fez Cristo andar descalço e com dificuldade no musseque; desconhecia a língua das homilias, o coração e todos trataram de ignorar o lenço de linho branco com que a velha Kinua envolveu os seus pés. Não é pelo fim do caminho que ganhas a tua dor, ela sempre existiu no que não foste capaz de percorrer. Tantos fantasmas à janela, tantas pedras e castiçais ainda distantes da inocência da tua mão onde se pode largar uma gaiivota que traga o céu para mais perto. O maboque vai ser útil porque vai passar-te a forma redonda e secreta da cidade».

13. «Tu trazes a tua verdade num cavalo de glórias que atravessou a sanzala onde a tua força ignorou até os berços dos sobrinhos. Será esse o teu último combate?». O velho Tiba interrompe: «Um combate não se conta pelo número de mortos e suas valas comuns. Que beleza tem uma cálice com filigranas de ouro, mas cheio de escarros? Ou exibidos numa noite de breu presos a um cotovelo de mar bravo? Ah, as mães com seus esquifes na alma vão com sombras que fecham as portas do mundo apanhar no xiguilamento o destino mais nobre dos cavaleiros e trocar os seus enfeites de brinco pelos caminhos de lama da Muxima onde tudo se estilhaça pela dívida das promessas que mais levam os filhos para uma guerra que não lhes pertence por epopeia: os heróis inventam-se com a mesma ambição dos psiquiatras sem emprego».

13.1. «Todas as mães estiveram no átrio da igreja onde Deus mais se sentiu encurralado, diante dos seus prantos, fotos e acusações... Tudo era por demais evidente: o que a sua obra tinha de imperfeição, de menos coração, porque esperavam que o sopro que deu vida ao barro tivesse como deixar o mistério da água formar o tecto oculto que torna mais lilás o dia». O Juiz Maior não pode aceitar a verdade que mais se segura pelo circo e luz de oratório diante de todas as hipóteses que a noite mais abre em festa à imagem de pássaros feridos que levam o céu para dentro da terra só porque erguem uma estátua com a perfeição de um pavão e panfleto: «O cavalo atravessa a sanzala quando todos os batuques que gostam dos soldados são guardados com ossos de sombras onde se pode chamar com intimidade os criminosos». «A verdade perde-se por entre as escamas do mundo, um político retoca o ângulo da sua sombra por onde surge o aplauso, é-lhe elevado o valor dos sinais que aproximam os anjos das nossas sortes e sentas-te onde te é permitido afeiçoar os cotovelos. Apesar de algo se desmoronar, passas as mãos pelos objectos como folhas de fórmica ou estufa: ah, não é essa a verdade do teu espaço...».

14. «Amarei e avançarei por entre versos e sabres  
em riste para fazer durar a face da aurora, afinal o exercício  
que menos pode contar com o meu ego. Oh, Tiba, não sei se ainda  
posso encontrar o que fui em igual  
medida com a utopia da nossa infância!». «Ah, não conheces  
os teus conselheiros que usam com doses de verniz azul  
as tuas unhas para marcarem a imagem que faz  
o perfil dos masoquistas: sonham com pães, mas olha  
como o Dilembo e seus deputados distinguem com perfeição  
como se pode passar pela utopia  
sem dela ter saudades».

14.1. «Oh, amigo Tiba, estes trajos rasgados e sujos que usaste nas cerimónias da minha glória, não, não podem ser o testemunho do caminho que se fez em perda. Os joelhos da velha Ngongo não aguentaram o peso do mundo, são muitas as armadilhas colocadas no tapete de pedras de diamante que apresentam o país, não lhes faltam arestas para entrarem com misérias que preparam uma peste que devore a geografia da nação», «Assim quiseste: ainda guardo no meio de balões a oferta das nossas ilusões, não tinham frisos de oiro: quinhentas folhas de tabaco do Lombe e uma túnica de linho da Xibia, uma foto de Nkrumah e um portão sobre um horizonte em duas alas que tornassem o salão nobre como o único horizonte de toda a bondade que tomou forma na fome e escola que nos fez». Uma voz de mulher interrompe: «Não, não basta usarem por distinção os anéis maiores do que os dedos e deixarem a roupa rasgada no caixote à entrada da sala nobre. Tens de passar as tuas confissões (essa parte de espelho que desce em abismo de ti mesmo) por tudo o que sofremos porque todo o ouro que rodeia os pilares da mansão do rei serve para que a morte passe por ele como um sopro leve, um pássaro distante sem céu certo: um assobio de uma canção já sem letra e refrão. O que tiver que ruir, se for maior do que os gritos da plebe, guarda-se na crosta de uma concha de mares gastos na mala que deixou de ter os seus exílios: argila».

15. «Não, não posso perdoar se deixares  
o nosso passado numa labareda com capim de estalidos  
de mil faúlhas, uma taça de cinza não faz  
a vergonha do palácio ». Todos os verdugos – apesar  
de te mostrarem o terço com marcas de sacrifícios –  
têm um jacaré adormecido em seus colos, só precisam  
de ideologias, caos e terço para que se lhes apanhe a pele  
rugosa: cobras. «O slogan cega e tem como seu traço  
o musseque onde tudo é uma amnésia que precisas  
até para que nada se perca pela dor  
que sintas o teu  
coração».

15.1. «Apesar de vestires o melhor fato  
e o lenço com perfume em excesso, está o olfacto viciado  
pelo sangue. Uma pedra de mármore e um ramo  
de palmeira já não criam as hossanas  
de domingo, curto dia da semana  
que mais distrai Deus do seu livro de reparos.  
É um livro lilás que tem o vento em gozo  
de papagaios em suas margens ímpares. Olhas  
para a irmandade perdida num campo  
rodeado de lagos e impalas e onde só os leões  
conhecem a curva do vento que oferece  
o silêncio. «Com essas enxadas corcundas das gémeas  
que são amigas do deserto pensas oferecer a perfeição  
por te parecerem mais sublimes as essências que gostam  
das superfícies onde melhor assentam  
os castiçais de cinza, sal e espelhos». «Oh, Tiba, os filósofos  
precisam das mais antigas desconfianças, de chagas abertas  
e dessa impotência que passa pelas igrejas  
e suas romagens até tornar imaterial  
a nossa condição vincada pelo lado íngreme  
dos degraus. Precisam dessas dores, cruces e misérias  
que aumentam a inveja à volta do que edifico  
partindo dos escombros de uma guerra  
que melhor fez em aço o carácter dos meus súbditos,  
longa rebita dançada debaixo de uma mulemba – olha como tão  
depressa pedem que nos seja cego o horizonte  
no que tem de mais próximo com a utopia  
para servos, maior a dor em especular  
sobre uma encruzilhada  
que atravessa a aurora:  
encenação».

15.2. «Quando dormires com o verdugo não olhes em demasia para seus ranhos e pulsos. O que o torna numa cobra do mato está marcado no olhar que se esconde perto de ti».

*Vasconcelos, AB • 45*

15.3. «O verdugo quando se passeia pela sanzala com assobios  
emprestados dos pássaros fecha a tranca das portas  
como o vento do Késsua empurra a porta de pau preto  
da igreja. E podes tocar a viola  
de lata».

16. «Oh, onde está a perfeição se diante desses súbditos cheios de ramela as bessanganas que dançaram nuas e com movimentos de peixe bagre sobre o meu leito pedem o meu silêncio para que exista a única pergunta que só eu posso responder: Onde estão os irmãos?».

Um artesão passa sem mexer a sombra que gosta de trazer o cemitério para dentro de casa e o musgo cresce com o brilho dos cabelos na terceira superfície da terra onde nascem os anjos: «Onde está a tua mão cheia de areia para os túmulos que não contamos?». O ungo está cheio da última noite e mesmo assim parece que a lua deixou nas suas cordas o suspiro mais longo do jovem fuzilado que fechou os olhos com um sonho rodeado de laranjeiras. O verdugo disse: «Chefe, essa morte parece acontecida nas pétalas».

16.1. As Mães levantam as fotos dos filhos e o dia treme  
perto do mais longo instante e o horizonte  
que sempre fez os sonhadores e os amantes  
fica coberto de camisas com vestígios de vida. É o requinte  
da ilusão que faz o enlace sobre ti de duas gaivotas. Outra  
foto com o Aires ocupa o que mais se dispõe com a infância  
porque todo o gesto passa pela identidade  
do que sempre se perde e a aurora é uma trave  
sobre o horizonte que se deixa enganar  
por quatro paredes: «Oh, rei grande, vens  
devolver os nossos filhos sem que em habilidade  
todo o cemitério nos faça permanecer  
sentadas nos passeios dos manicómios?». «Oh, pobres  
mães, até parece que estais  
muito perto do horizonte, só aí a vida  
se faz num barco veloz e forte e parece uma nave  
habitada. A sua trajectória é fixa como um leão  
dispara a sua energia numa só impala  
que parece embrulhada numa folha de prata que recebe  
o brilho mais forte do dia. Levantam poeiras em caracol  
e deixas a minha ira mais viva do que a força das vossas  
dores que não entendem como numa  
mesa se faz o jogo». «A glória é fria porque  
só os bobos são parte da sua artimanha por lhes ser fácil  
imaginarem a morte da ficção que os escritores  
tentam salvar... Saiba que a vida vai por um cavalo  
que se perde cedo sob luas  
enxugadas», diz o morto  
que dorme nas escadas  
da minha  
porta.

17. «O que garante hoje a tua glória na sanzala  
é como a sanga cheia de água que se divisa no deserto  
com muito batuque. Apesar do seu brilho  
disperso cada passo é um esforço em vão como esse cabide  
arrumado não pode fazer mais do que a saudade  
por ela ter o seus cabelos d'ouro  
encravados nos pentes  
do tempo», disse Tiba. «Uma sanga,  
apesar do seu domínio artesanal, tem arestas  
por onde todo o jogo dos espaços pode fazer a marca  
do dilúvio», «Ah, rei grande, o chão está aí  
para guardar o que se torna putrefacto, essa ratazana  
já vi nas primeiras utopias de Nkrumah, mas será  
sempre visível essa mulher de panos pretos  
que levantam a poeira que guardam  
os chifres».

17.1. «Não, meu rei grande, esse jogo só o vences se usares o silêncio que faz pela corrosão a frágil verdade que pode em álcool constelar pelo delírio e impaciência o ânimo diante das derrotas que abriram a cirrose que confronta cada vogal da tua última estrofe. Uma maleita de desilusão só passa com um maior panfleto de oferta, mas precisarias de uma nova guerra e uma prenda de verdugos: um paredão. Levantas finas lâminas de mármore e uma lança com pontas de cólera para que os cavalos possam descansar nos novos terreiros, mas as cinzas que guardo como o teu melhor cabo pesam em mim com igual pilar de escuridão da tua morte», «Ah, belo conselho: sabes que o meu tempo oferece a eternidade e trono a um herdeiro que não conheces, queima-se a utopia com um pouco de vinho, depois a festa só serve para que mais homens da sanzala digam que quem te sucedera nunca nos dera o que mais desafiamos com a ilusão: Vida». Um poeta depois de interrogado deitou fora as suas estrofes, metáforas que mais entravam pelas nossas vidas, estrofes com muitos haveres das utopias porque essa ideia é como o vento só o temos no toque às palmeiras.

*E se uma máxima  
fosse o abrir de uma interrogação  
em algum momento?*



*Oh, rei, quando apontas em riste o dedo indicador  
exibido com os três anéis  
d'ouro virados em iguanas, até as calemas  
mais altas beijam em lodo  
as areias brancas das praias do Mussulo  
e o teu cotovelo apoiado na cabeceira do mundo  
faz um precipício que por justiça estranha  
de Deus faz a nossa  
privação»*

*«Oh, rei, a jangada só faz pontes  
quando duas margens deslizam para horizontes  
desiguais - é no seu centro onde se fazem  
todas as sombras, mas a bengala  
que ergues apesar de descansar o teu peso,  
mais difícil será entenderes  
onde em desconfianças se desfizera o vértice do  
reino»*

*«Passou um mukixi com duas serpentes sem cabeça  
enroladas nos tornozelos e pedi que  
dançasse à minha porta e molhou o meu corpo  
com vinho duro embebido em amuletos de ossos de leão,  
ah, mas quando chegou o tio Kangulo Dizako  
não, não ouvi o seu bater aflitivo  
da porta de bambu da China porque com esses ossos  
parti a sanga d'água que gosta de salvar  
os caminhantes»*

*«Oh, velha rainha, perguntas-me se a sanzala  
ficou sem os melhores filhos  
por culpa do teu soberano esposo, não, não perguntas  
a quem leva dois mortos nos braços  
como parte do seu sangue em perda se prefere  
deixar os seus corpos na primeira pedra  
de mármore fixada próxima do palácio só para ouvir  
em harpa as tuas  
desculpas»*

*«Oh, velha rainha, todo o poder precisa de quatro  
olhos virados sobre os seus  
próprios espelhos alçados de ambições  
que aumentam os anéis em vossos dedos, não, não podes dizer  
que o que não soubestes dos nossos mortos fora  
porque o mundo ficou à porta do quintal do palácio, e  
os verdugos engordaram as foices com curvas  
afiadas que ferem o  
céu»*

*«Oh, rei, o passo ébrio do camaleão  
não acusa a sua fraqueza, com vaidade passaste  
por ele e quase o pisaste  
na cauda e não podes dizer que te faltaram  
as verdades crescidas nas montanhas, não, não ficaste em alerta  
como a águia que prendes em bom aço  
na torre do palácio»*

*«Oh, velho Tiba, só existes a partir  
da febril hipótese arrumada pelos poetas  
que saíram de joelhos e feridos da noite de sábado,  
assim, pelo que não em «eu», podes até ser  
a mais barata ficção...ah, ah, ah, não vives cada uma  
das nossas sete arestas da vida e, jamais terás  
que fazer escolhas das epopeias e apontar a sanzala  
onde nunca mais receberei aplausos e nem  
provarei a carne do melhor  
vitelo»*

*«Oh, rei, os que te antecederam  
sempre tiveram de ouvir os velhos ainda que os considerassem  
tolos. Não, não são hipóteses as palavras  
que fazem as nossas verdades porque em algum momento  
alguém às teve como parte da sua pele, temo-las  
em maior valor porque a dignidade  
é o que se sobrepõem  
às guerras que se preparam  
ao lado do teu convulsivo  
estômago»*

18. «Sempre existe uma beleza que puxa pela ousadia  
assim como vive um coração que geme e não faz em ferida  
as tuas falhas, apesar de os camaradas odiarem  
a fraqueza que deixa espalhado um longo  
canteiro de cravos caídos: por muito que cerres  
os punhos, como lição e prova, não vem daí  
um jorro de sangue». O mundo sempre foram sete  
dias de argila e uma palmeira no meio do lago  
do Lombe como prova de um refúgio  
que conhece todos os que ficaram sem túmulo:  
dizem que o Tiba aí descansa dos seus papéis  
antigos de folhas de bananeira que o fizeram  
parente dos que mais gostam de falar contra  
o vento. «E o que perdes já há muito  
o sentiras como a mais difícil orfandade vivida no largo  
1.º de Maio onde os homens procuram os seus piores  
inimigos porque nada, mesmo nada, refaz para teu maior  
refúgio os caminhos da infância onde um deus  
pacientemente faça por entornar  
as aguarelas que fazem existir  
esse louco cavalo que percorre  
sem esporas as  
entranhas».

18.1. «Olhas para dentro de ti e não sabes como Deus serve em mais brilho a tua luz porque deixas diante das nossas interrogações uma sentinela que conhece os teus engenhos de palco e fingimento. E já nada podemos corrigir porque é demasiado tarde recuperar em cada dor toda a dignidade que se perde diante de uma pátria que precisas de amar no que não lhe pode ser opaco e estéril», «Oh, meu rei grande, toda a palavra é um ontem debaixo de uma árvore onde podes matar o cágado da nossa espera. Foi através da lenha acesa do carreiro do Ngulo que pensámos o quanto nos perdemos. No meio do rio uma canoa e sua rede abandonada, duas margens com os seus bichos e chifres, tempo de água, folhas verdes de espírito e até pensamos que na mochila deveríamos ter um novo passaporte», «Oh, velho escriba, eu sei como me emprestaste as metáforas para o suicídio de mim mesmo com letras que não aceitam os jograis e que nunca viveram nas partituras de Otis Redding e Davide Zé, mas só foi com chifres e seus vinhos que escolhi as minhas razões até porque altos também eram os teus sonhos. Viemos todos do mesmo prato de esmalte com flores pobres na arte. Uma armadilha não pode existir longe dos passos porque precisa de muita ousadia: ciladas».

19. «O grilo tem no assobio que domina o campo o seu poder, esse conforto faz a posse ser mais valiosa que a coroa e toda a luz que se afasta das tuas portas principais já não pode aproximar-te do chão que mais faz o país». Deus fez a noite para que os objectos e sua nudez pudessem girar nos lápis dos poetas. O Onâmbwe diria: «É só a noite que pode fazer tombar uma estrela e as suas músicas de arrasto é que deixam Deus mais surdo. Nenhuma angústia pelo meu sabre é inacessível ao batuque da aurora». A noite é uma janela alta sobre a solidão mesmo que a lua tenha uma sala de visitas com o mesmo casal. «O meu poder tem uma flauta que há muito afinei com a dança das serpentes, é um som que conhece o lado mais espelhado do coração, a sua dose de cores azuis que fazem as lágrimas ficar com cristais salgados». «Oh, rei, esses cristais de sal e suas conchas azuis só rodeiam o coração porque precisam da tua bondade e o mel de recompensa que aproxima o teu súbdito à igreja para em seu terço mais vida te oferecer em maior cofre de diamante, apesar de mais poetas sofrerem encostados à bengala que usas para dividir».

19.1. «Oh, meu rei, os filósofos só crescem com os teus erros: sempre precisaste de arrumar como peças de pedestais o pátio aberto onde sentado mais temes a presença dos anjos que vão passando pela tua vida sem que te dê conta das suas mortes quando se torna em ti difícil tocares a aurora como quem brinca com a idade da infância onde tudo foi construído com papelões e musgos que receberam esse triciclo interior a que chamamos de amor. E a música só existe porque a inocência se faz sentir como um grande momento de luz», «Oh, Tiba, levantas o véu da minha vida para a palavra inflamar a origem da felicidade, o vinho de maluvo como prova da juventude, mas os filhos alejados passam pelos corredores da tua inacabada cubata – és impotente diante da tua sorte por isso são escuros os teus deuses como se fossem os que melhor espalham com balaios as sombras numa esteira onde suas geometrias são desfeitas», «Oh, sempre colocaram pedestais para te parecerem elevados os discursos e os ouvintes famintos e debaixo das garras do sol pedem que os ensines a ver as suas próprias verdades. Ah, o pior é que essas palavras nunca contaram com o pulsar da tua alma – numa lavra de milho alto da família sei da massaroca por mim cuidada, mas em três verbos que digas, apesar dos altifalantes que os rodeiam, precisarei de muita luz para ver se num ao menos está um pouco de ti».

20. Os olhos são o espelho da alma, só por isso  
toda a lágrima através das lâminas de sal  
faz Deus chegar mais perto  
dos nossos erros – e sempre que choras  
por eles, por não te ser pedido que o desafiasses  
só com o que te vale em muito ego,  
os poetas vendem sem vergonha essas estrofes  
que mostram como o homem  
só pode dividir nos jornais os seus medos  
apesar de venderem o sonho. «Oh, velho Tiba, a noite  
sempre foi o leito perfeito  
da morte, uma coroa de traições.  
Os poetas estão encostados aos pilares de mármore  
e levantam hóstias feitas de milho da Kanjala, mas precisam  
da minha tragédia diante dos cavalos  
de qualquer poeira e de outras mais somas de dívidas  
que apaguem esse brilho que passa pelos meus olhos.  
Olha como fingem a dor  
que sempre exibiram  
nas estrofes».

20.1. Precisas conhecer melhor o espaço materno  
que sempre se fecha no beiral. É uma perda sentir que toda  
a ilusão não dura mais do que essa perversa vontade  
dos filhos. Sei agora como é penoso viver sob um tecto  
obscuro onde a vida se apegava à caixa vazia  
da infância e todo o íman do dia é um precipício  
onde a amnésia toca com paixão a oculta melodia  
que segura no espelho do olhar como uma mistura  
de cal e capim seco todas as inúmeras  
vertigens que fizeram o coração ensaiar  
as únicas imagens que organizam em gala os mortos  
já como um êxtase de despedida. Só as mães percorrem  
com velas esse vazio porque o sol está fraco  
e a cortina da morte é um laço que encanta  
porque o pensamento é um índice do que se vai  
ruindo debaixo do relógio e já não se é  
o que cada um foi e tens saudades. «Oh, meu rei,  
olha como ganhei em palavras o que perdi  
em honra: sendo-te serviçal em demasia até mesmo  
ao cuidar das tuas insónias quando as sombras  
parecem corujas na hora em que mais parece  
que nada dura. E não tenho como pensar  
nas minhas agonias, no que vejo de errado sem o gume  
do ciúme e não possa confidenciar-te como te afastas  
com gestos frios dos homens que dizem diante  
de todos os holofotes amar-te sem nunca  
pensarem em si mesmos e em valias que só Deus  
sabe convencer até para que todos  
pensem que existe uma só  
utopia: juntos».

21. «Não se pode ficar sentado na cadeira onde só os Juízes podem brincar ao conto apesar da verdade sempre ficar visível e os escombros serem o melhor meio de disfarce». «Oh, Tiba, os infortúnios sempre fizeram a cara do homem. Olha como as paredes da igreja de Roma foram levantadas, só as suas pedras podem ser erguidas como uma verdade intocável. Todos precisam desfazer-se do seu íntimo até para que dure mais que os nós da idade a ilusão, essa taça que vais erguer quando eu morrer e os alunos dirão o que fui: pai». «Não, meu rei, não podes fugir das teias da tua própria sombra apesar de o sol não habitar o teu espaço no horizonte que serve de brinquedo aos poetas porque santificaste os objectos no seu brilho de enguias e toda a cruz arde diante da tua oferta».

21.1. «Oh, rei, não nos escutas apesar de ser de traços celestes  
o mais caro quadro com contornos d’ouiro que ocupa  
o salão nobre onde o mais pobre dos mendigos  
da sanzala recebe das púrpuras mãos da rainha  
um cesto com sete pães, no chão um cesto de mangas da Nganda  
e duas massarocas de milho de amarelo dominante: obra  
dos melhores pintores da China». Um velho persegue os passos  
do rei e parece ter músculos de marinheiro, mãos que conhecem  
o mar, suas calemas onde se escondem  
os defuntos que guardam o nosso  
passado. «Oh, um reino precisa de ilusão contra  
as teias de aranha que avisam como nunca se deve alcançar  
o horizonte que faz existir o deus do nosso mendigo  
que pela primeira vez através da cal e do lápis  
chega tão perto do poder onde deus mais protesta  
das suas imperfeições:  
a ilusão dessa gente sempre precisará da minha coroa  
e diamante. Escolhem-se os pais  
da nação depois de prenderem todos os historiadores.  
Só as cobras mostram as flautas dos antepassados  
através dos seus silvos e podes pesar o que ainda  
nos resta de dívidas. A ilusão sempre precisará  
da minha coroa e moeda de diamante para que a morte  
não alastre a sua sombra dentro do sapo  
da nossa infância: existência», «A vida dizes ser um jogo  
de sombras, pratos e brilhos que só os diamantes sabem fazer  
existir nessas permanentes tensões – o que parece  
agora, seu ébano e néctar, pode ter outro cenário  
e a tua luxúria mais deseja que assim aconteça  
com o aplauso dos pajens, mas deves saber que é sobre  
esse chão de puítas, pau preto e panos da muxima que os leões  
percorrem os prados apesar das azagaias  
que gostam de dominar  
as batalhas  
finais».

22. Se tens culpas, quem somos nós para oferecer  
o teu perdão se ainda estão intactas todas as torres da mentira  
mais visíveis que o corpo da nação? E valerão  
muito pouco os sacrifícios que mais fazem afinar  
o batuque, valem menos ainda as insónias  
porque é como se tivesses  
de ficar no mesmo círculo. Soldados  
com cintos de lianas e flores  
secas do Lunga que cobrem a morte viciada  
nos seus nós e o mundo nos bolsos de caqui  
com velhos passaportes que não valem  
para nenhum  
exílio.

22.1. «As vespas sempre se lançam em sangue contra os seus criadores. Nem o melhor fumo guiado com a lenha mais seca pode esconder a realidade apesar do amuleto que te faz ficar em extenuada veneração porque essa é a única herança deixada pelos reis que desprezaram cada uma das nossas vontades porque não podes pensar que em ti se pode construir um tecto sobre quatro pilares que permaneça firme por todos os demorados encontros com a utopia. Temos sempre que curar as feridas das mãos que estiveram nuas no átrio das igrejas, mas com o teu bastão deves observar os homens que fizeram a pátria ser refém de si própria depois de terem enrolado as lianas para cercarem os sonhos», «Oh, Tiba, só o deus das minhas insónias sabe como por esses meus dedos d'oiro eu tenho perdido o meu coração e até entendo o valor a saldo da coroa quando tenho de encher d'água e ervas a celha de que a sanzala precisa para lavar os seus defuntos. Os joelhos e minhas vestes d'oiro trazem para perto e montra de todo o reino a minha mortalidade – já tive o meu sono d'oiro como o toque mais puro da eternidade, mas agora só oiço um kissange tocado pelo velho Kingulo e não sei chorar, por isso não vejo as arestas, só sei mostrar a melhor perfeição». «É esse encontro de arestas, sinos da terra e lama berço que farão a tua reconciliação com a parte de ti que não tem mais lágrimas. Oh, mas só através do que possas agora perder para poderes oferecer toda a fortuna que ficará à porta do teu mausoléu».

23. «Os gafanhotos passaram pelas nossas lavras, de repente a vida foi pouca para a ilusão poder ousar os seus mundos e só a memória da infância apagou a dor pois o tempo esteve mexido no mais engalanado túmulo». «Quantas coisas marcam mais do que a idade que Uanhenga Xitu diz ser um abano de cinzas? E vives o desmaio como se abandonasses o teu próprio *eu* diante das desilusões que alimentam o Tiba que vive à porta das tuas razões. Quantas pedras desfazem a geometria do pátio encravado na cidade onde através do silêncio apetece confirmar que só nos sentimos fortes quando em maior número e no meio dos bancos de ferro fundido se juntam todos os anónimos que gostam de afastar as suas identidades para que cada um aprecie como se faz a humanidade dos irmãos?»

23.1. «Vives como se o teu domínio  
tivesse espalhado um tapete de musgo, um verde  
que consolasse os poetas tão distantes da existência  
porque à mesa um simples crachá desfez a amizade  
e o seu sangue a saldo numa montra de latas. Todas as estrofes  
em algum momento não foram dores e febres  
dos que mais poderiam fazer pela utopia  
e foram fuzilados». As palmeiras dominam o lugar,  
sabemos por tão arrumada beleza  
romana que há muitos anos as suas folhas  
e cravos por rude acréscimo pertenceram à glória  
dos que foram enganados apesar das mesmas  
letras e cores: slogans. «Se Deus quis de nós  
a benevolência como um estranho prazer, não queiras  
igualá-lo em vaidades como se apela  
entre terços ao seu domínio para guiar  
os nossos passos que conhecem os tropeços,  
não podes ter em igual cuidado por prover  
em abastança o futuro que mais uniu a sanzala  
em algo que agora fazes por ser um mero prémio  
por sorte num jogo onde só vencem os que escolhes. Toda  
a escolha prepara um mendigo num vulto que não podes  
amar apesar da troça que te torna  
muito visível». «Oh, rei, não existem honras  
que não usem a beleza que gira entre missangas  
que fazem valer mais alto as maneiras da festa, seus perfumes  
e naves. Terás de cimentar sozinho o teu túmulo  
para que a sanzala viva com janelas abertas  
onde a lua mais possa  
baloçar».

24. «Oh, rei, não podes comprar a tua salvação  
como se o terço que junta as bessanganas numa só dor  
pudesse espalhar o ouro entre os anéis do tempo  
que deixam mais ocas as tuas palavras. Só nas exéquias  
dos amigos abandonados  
te lembras que existe um ontem como biombo  
da terra e não podes alterar o seu valor  
apesar de só entenderes os sinais e suas traças  
quando fechas a porta pesada do palácio»,  
«Sim, Tiba, mas as trinchas das portas  
deixam o silêncio montado num cavalo que em ziguezagues  
abandona o terreiro que preparei em meu âmago  
e que mais parece um canteiro de rosas  
sem espinhos virados para os meus delírios  
como se todo o meu sangue fosse a vossa única  
redenção. Diante de mim, oh, como se assanham os kissondes  
e a fragilidade da minhoca do rio Kungu vale  
por esses contrários de vida que fazem a porta  
do palácio ter a mais alta tranca  
de mármore. Ah, meu amigo,  
por obra de meu pai, vejo tantos nomes  
saídos de valas comuns  
e parecem saltar das bandejas do salão  
onde tudo deveria ser solene, branco e leve  
como uma pluma desprendida  
de um sonho – nego toda  
a herança».

24.1. «Oh, rei, até Cristo teve as Suas odisseias, foram mares que se abriram com um sopro, e teve a nova margem onde baptizou um povo com as suas crenças e milagres. Mas Ele precisou de amnésia para que passasse pela sanzala sem que O puxassem para perto dos esquifes que fazem os Seus dias serem uma pedra sobre o peito da nação», «Sondarei esse interior para ver-lhe as sombras e sua matiz que faz a regra das insondáveis desilusões, essa força que ultrapassa a ordem das minhas decisões, secreta como uma sombra toma por si mesma os nossos confrontos onde sempre se sai ferido e mais mudo». O país destróçado na parte direita da cruz torna tão distante em azul o horizonte. «Oh, Tiba, eis que do alto do meu pedestal, apesar de tantos conselheiros, se fez a maior cegueira com o que em mim sempre mantive vigilante através da utopia que se tornou num pássaro que deixamos morrer no peito de Viriato». Uma taça de vinho não faz o dia ser singular no néctar que prende a melhor insónia, às alturas da sanzala abandonada com suas mães rejeitando os partos. Não pode uma esfinge fazer a mão onnipotente, pronta a partir a loiça que enfeita a mesa que mais parece a da Última Ceia onde Judas engoliu sem vinho uma côdea de pão cheia de fel. «Oh, povo, toda a ilusão passa por um palco que faz o lugar do ouro, esse brilho que mais detesta os sonhos!».

25. «Que guerra te deixara sem generais  
na vala dos soldados desconhecidos  
onde só vejo os padres com hossanas ensaiadas para melhor  
luz te merecer o destino? Oh, rei, uma moeda rara  
que atires para o nosso colo pode ser o teu melhor  
deleite. Apesar da festa, suas luzes e poder, essas ofertas  
não te fazem o nosso príncipe. Precisas da montanha  
para que das nossas vozes possas tirar o seu âmago  
e de celhas para lavares as túnicas abandonadas, sua leveza  
de óleos puros e santidade arrancada nas dores  
dos que preferiram ficar com a cegueira e com pagas de duas  
latas de milho. Uma mulher da Zâmbia com hectares  
de terras aráveis e maiores do que França até deixou  
que pudesses dançar no seu quintal e abraçar  
o seu deus. E olha como o seu filho quer  
alterar os incensos que cuidam  
dos cheiros da  
terra».

25.1. E a Kinduma disse-lhe: «Volta pelas mesmas dores que te trouxeram até mim depois de mil desertos espalhados diante da tua decisão», «Não mandei o mensageiro porque as suas palavras seriam tomadas como os meus cuidados e mais à noite diante de todas as máscaras, melhor a do jacaré e seus rios, dominaria todas margens que a sanzala precisa até para que entre desafios o vosso destino não vá embandeirado pelos imprevistos que mais o marcam com ofertas de lenços e instantes de lianas que a humanidade quer queimar». A velha Kinduma procura na garganta da sanga o silêncio com um pincel feito de jubas novas. Assim como um poeta se entende com a lua e seu pano do Congo, é tudo o que uma noiva precisa para reconhecer o seu vinho. Depois segura com o sangue de galinha a manhã para que a tua mão direita trema quando levantar uma nova razão.«Oh, filho, com o mundo atrás de ti, pensas que é mais forte cada frase tua capaz de trazer para o salão de chá uma mãe pronta para aplaudir as tuas faltas. Uma ira não pode fazer-te mais nobre, olha que o sangue não se lava apesar de a lixívia tirar a mancha de vinho da tua túnica quando simulas os crimes. Essa é uma insónia como quem tem almofadas de pedra e não pode ser forte o conselheiro que prendeu o melhor Juiz da sanzala».

26. «A confusão quando cria o seu camaleão  
sempre pode ocupar os criminosos até que as sombras  
cubram parte das vossas vidas. Podem até segurar  
como património que sempre lhes foi caro em ilusão  
o bastão do rei e fazerem uma abóbada  
onde tudo seja infinito e poderoso. Mas não podem  
afirmar que nesse exercício de punhos  
que passam soltos pelas suas insónias  
são meras ordens e deleites do meu marido  
só para fazerem a sanzala desconfiar  
da sua bondade», «Oh, mamã, a bondade do rei  
não pode em seu reino louvar as suas próprias  
distracções porque até para engano muitas são as obras  
feitas que não precisam de ter  
o seu digno criador: biombos. Nem todos os aplausos  
podem fazer o seu descanso apesar de o espelho saber  
para que lado do rosto o rei pede mais brilho  
porque cada vez mais é o tempo que deixa  
a conta nas suas próprias rugas e nada é mais vazio  
do que a mímica que parece  
um vocabulário do silêncio  
que rodeia  
o poder».

26.1. «Oh, nossa mamã, um homem não foge com duas tochas acesas e como meio da sua fuga o milheiral da Xibia e depois como se atacado pela bênção de uma amnésia faça a inclinação das labaredas nos arquivos da polícia e nenhuma ficha ou folhas em cinza poderá ser usada como a verdade que vai ocupar os historiadores que têm de matar o coração que gosta das lágrimas», «Oh, Tiba, és manhoso!... As cinzas e o seu sal são as únicas provas que só Deus sabe observar como se tivesse em pêndulo de vergonhas os abortos das suas obras quando a tudo deixou entregue um céu muito limpo d'azul, mas que tarda em fazer o seu caminho de regresso até para que tudo tenha bem visível os seus rosários e contas», «Foste uma simples e zelosa esposa e conheceste as flores de mel cujos botões uniram os vossos sangues, mas não vos faz únicos, nem as lágrimas da vida vos torna primos com unhas que valham em herança o mais pequeno talhão que enrole a noite num mastro onde já experimentamos todas as bandeiras. Não podem essas chamas e seus delírios impedir que acusemos o teu esposo por ter usado os artefactos de lutos: por muito que nos ofereças copos de maluvo e fungos como borrões, as versões dos filósofos não vos podem defender. Apesar de colocares a sua pedra na montanha do Úcua, jamais conhecerás os novos anjos simplesmente protegidos pela bondade dos poetas».

*«Crias em ti um leão com o que pensas e não te pode salvar uma espada  
preparada em guerras mais antigas»*

Vasconcelos, AB, *Olímias*, Luanda,  
União dos Escritores Angolanos, 2005



*«Se ouvires o tronco da mulemba partir-se tenta  
saber que nome a lua enterrou no teu quintal»*



*Andamento n.º 1*: Oh, eucaliptos altos e de boa sombra  
que fazem o silêncio que mais se aproxima em  
asas muito curtas da morte! A lua  
aqui ensaia a sua brincadeira de dança com línguas  
de luz que quando tocam o chão preto  
de capim finos soltam beijos de cristais  
que abanam a polpa dos eucaliptos  
e podes ouvir a virgem inocência da música  
e estranhas cordas partem-se para soletrarem  
os nomes dos que não voltaram. «Eu vi o Artur  
Nunes atrás da sua viola». Podes dizer que a água  
do rio Kwanza aqui pegou o seu kissange. «Um filósofo  
ficou mais atento ao silêncio até sangrar  
as palavras que foram abandonadas quando a confusão  
fez surgir o leão cego e veloz que quis  
tirar dos céus o ofício das águias». Esses passos de vento  
são do Avô Jamba. A terra no cotovelo do rio  
treme com os espelhos que levam as mulembas  
para perto dos filhos vestidos a rigor  
e tudo é mais côncavo porque precisas dessas sinuosas  
sombras tão lentas até perderes a língua  
que te aproximava da sanzala e sem esses espelhos  
queimados através das imagens de canoas  
e suas redes e não podes aumentar  
a colheita de abóbora,  
batata-doce  
e milho.

*Andamento n.º 2:* Diante da minha porta do quintal  
falta uma mulemba frondosa. Como ele era belo  
quando segurava nas rédeas do cavalo  
que perseguia uma utopia que se dispersava  
em muitas aguarelas! A mulemba é dominadora, pode deixar  
o teu nome durar o tempo das suas raízes assim  
como o tempo se faz de baloiço à aurora apesar  
das valas com seus brinquedos de latas. As próprias  
feridas das nossas fraquezas  
foram limpas por suas mãos quando do alto  
da montanha divisou como os irmãos vinham  
brincando com os sabres e com a sanzala às costas.  
E sonolentos já enterravam na curva do rio Kwanza  
os chifres das suas origens, no bolso esquerdo levavam  
as fotos dos amigos e seus dedos polegares  
pretos de cinza procuravam sujar os olhos. Não, não podiam  
falar de heranças, não tinham  
como erguer em muito céu vistoso de rolas  
e periquitos os eucaliptos partindo  
de seus próprios caules. Diante da minha porta  
falta uma mulemba frondosa. Como ele usava  
as palavras com o que de mais inocente sonhávamos  
e sem que por essa arte de país que cabe afunilada  
numa praça do Cazenga tivesse de pedir licença  
aos poetas! Falta-nos essa sombra valiosa  
para os caminhos porque as areias do deserto  
não podem deixar visível  
o que Deus por ordem de Suas pedras  
quis singular com Suas  
franjas abertas  
em luz.

*E se uma máxima  
fosse o abrir de uma interrogação  
em algum momento?*



*«Um simples olhar sabemos que não pode fazer nada  
pela tua identidade, mas se deixares que se fale com o doente  
que esteve no teu colo  
podemos todos ficar com a porta  
da tua alma».*

*«Uma janela aberta, apesar da lua que lhe serve  
como a mais bela persiana e aros de prata, não faz entrar o pior ladrão,  
mas  
o coração aberto como uma couve pode deixar  
entrar o seu pior  
fel».*

*«Oh, rei, ainda podes ouvir os poetas com suas promessas  
de mil luas, não importa a doentia ilusão  
que faz a sua flauta dominar as cobras.  
Mas pára na melhor berma  
e sobre nós – seus antigos súbditos –  
sabe muito mais através das peles dos batuques  
que levantam entre poeiras fechadas as tumbas  
do cemitério».*

*«Oh, rei, e se as minhas palavras no que têm de verdade  
abrissem em ti um pouco das lágrimas  
que há muito deixaste de fazer uso? Nada em teu ego  
vale mais do um humano sofrer já que a utopia  
que nos unira e fez irmãos  
não deixara sobre teus pés as sandálias para fazermos  
os caminhos em penas, sortes e dores  
iguais».*

*«Oh, rei, do teu longo cachimbo com palheta de marfim  
tiras anéis de fumo doce e juntas na mesma arte  
os rostos dos que se sentam à volta da mesa  
mais baixa e perfeitamente  
colocada à frente do teu pedestal.  
Assim vagueiam com os teus delírios enrolados no vento  
com pontas de cavalos que os coiceiam  
para lá das janelas do palácio  
e ninguém sobrarão ao teu lado  
porque o que é perfeito e limpo como diamante só o vives  
na quadrilha dos teus  
sonhos».*

*«Oh, meu caro conselheiro, não é por eles passarem várias horas sentados  
no palácio e com cálices de vinho  
que os tornará meus irmãos.  
Saiba que um leão sempre vigia o prado até o seu olhar  
e suas unhas dominarem a gazela que perde  
a juventude apesar da exibição  
da beleza».*

*«Oh, meu filho, a vida jamais perderá as águas do nosso ventre,  
só por isso sentimos com a mesma âncora  
e tempo de Deus no que se adensa de destinos  
o que vos sendo dor sempre tocará em aflição os nossos dias.  
Crê, meu esbelto rei, o oiro de todo  
o reino nunca poderá fazer durar o engano  
quando por esse sentir de entranhas naufragadas  
se advinha que poucos conselheiros  
ficarão ao teu lado quando o céu lançar sobre ti  
o brilho de morte».*

*«Oh, mãe e rainha maior, existem paraísos feitos  
de um só consolo e terei essa sorte  
porque em teus braços sobre ramos de palmeiras  
poisarás a minha cabeça  
com incêndios feitos sobre todas as cidades,  
mas não deixes de colocar três pedras  
de diamantes à porta dos anciãos pois só eles poderão  
fazer a herança da minha  
glória».*

*«Às vezes abro os olhos na escuridão fechada  
pelos meus fantasmas que tocam de forma estranha a minha vida,  
como se tivesse de chorar porque jamais acreditarei  
na eternidade, na forma como ela vive da imensidão dos céus:  
“Porquê esse engano à vida?”»*

Vasconcelos, AB, *Olímias*, Luanda,  
União dos Escritores Angolanos, 2005

*Vasconcelos, AB • 95*



*«Se quiseres pescar o bagre não mexas a água turva»*



27. Todos os rosários que passaram pelos meus dedos e lhe deram calos não chegam para completar essa ideia que dizes viver em cada minha dor. «E o sol está aí como se maior fosse o muro que nos afasta do mundo e esse nível de barreira é o que mais prepara a perda que faz doer o âmago». O quadro na sala de estar não é só o erguer da nossa irmandade, uma folha caída e com o vento como seu bordado pega-se em tudo que abre uma janela diante do mar para refazer o percurso dos apóstolos no que o mundo de forma inocente se abraça em incógnitas: «O mar imagina-se na mala fechada oferecida por um cigano e o exílio levanta o nome dos mortos que fazem reconhecer a pátria na mão de pedintes». Todos os rosários penduram o silêncio no que já não podes aplaudir.

27.1. Se, por esta mesa, tudo mais se tenha que adiar  
no que o milho não pode unir, arrasta através da lâmina  
que encrava o mundo o que é divino nessa história  
que o Juiz de Calungueno esmagara debaixo  
do seu martelo: «Uma libelinha não pode desfazer  
o luto só porque lhe foi excessiva a cor  
que sempre fez de cada um de nós um travesti». O Juiz  
pode até sentir a força que faz o martelo  
mais alto abater-se sobre nossas vidas, precisa  
da nossa mágoa para aumentar a poção  
de whisky: «Oh, sei como a ilusão  
vicia a cabeça dos que mais esperam da chuva  
a sua sorte, mas eu preciso que todas as vossas heranças  
de barro e cabras não ponham a perder  
o que se ganhara por melhor  
saber como o ouro se disputa e abocanha  
perto dos restos deixados pelo rei», «E essa luta  
trava-se com as palavras das mesmas crenças  
e Lenine nunca ficará ileso, apesar  
do passaporte rasgado. Há muito que o vestimos  
melhor do que a cerimónia de beatificação  
dos padres que moram na aldeia há duas guerras». E  
ficamos contando o que faz virar esse mundo,  
parece uma ponta de lua deixada por um poeta  
no lago do Késsua que ficou  
sem a sua floresta e com as suas sombras partiram  
os curandeiros que sabiam como um cemitério  
pode fazer o regresso dos que mais procuraram  
um mundo para abrirem  
os seus desejos  
e cansaços.

100 • *Luanary*

27.2. «Essa água do banho de teu corpo tem o teu cansaço, pedaços de crostas e algum sangue, mas não podem por essas metástases apanhar a tua alma apesar de a gordura deixar boiar um espelho de um fundo que serve o céu no melhor feitio».

*Vasconcelos, AB • 101*

27.3. «Através desse espelho de água que tem a dose dos teus cansaços  
podem ver o teu rosto muito maior do que o céu e por esse labirinto  
feito de ti  
e por tua ousadia deverias andar descalço  
para saberes se te coube o mesmo chão  
onde Cristo arrastara  
a cruz».

28. Esta manhã foi fechada no teu ventre, num palmo  
de céu que o teu umbigo mais entorta entre  
minhas mãos porque tudo parece  
preso a um brinco usado na “*buatê*”: «Através desse brinco  
prendes com velocidade as minhas ancas  
e não quero sair, a lua que tocas foi escolhida  
pelo Viriato na sua pior noite de exílio», «E quando gemes  
o musseque abre as janelas, procuram  
tocar o lugar da lua, entre as persianas encontram  
simplesmente o início de música  
e um diamante à cabeceira. Recebo um mukixi  
da Maxinde que no último sábado  
fechou a noite em cada ousadia e com ventosas tomou  
por abuso as minhas entranhas». O músculo viciado  
pela ilusão e uma almofada ocupa o espaço  
da banca.

28.1. «Oh, manhã, recusas essas persianas que fecham nas pontas de meus dedos a cegueira que mais inventa e ilumina a tua imagem». Todos podem esperar na catedral, esse vestido branco que deixa nesse chão toda a pureza para que o sangue escorra sobre essa força interior que faz a sua própria chama.«Oh, manhã, não sei onde acaba o teu tempo se tudo brilha na lamparina que aumenta a sombra do que não sabemos viver». E vejo o teu corpo através da minha pele há dois dias levantada pelas marimbas que tocaram perto da janela depois dos cansaços dos noivos que mais invejam: «E essa música posso ouvir através do meu corpo, esse ouvido maior do que a terra e suas arestas porque sinto que estamos perto de tudo o que inventa as cores apesar de perdermos as mixórdias da última vigília por coisas que nos faltam alcançar com ajuda do mel». E só essa cegueira no registo que vem com o mar descobre as minhas fantasias que trazem novas túnicas e ruas e postigos para a festa porque uma fogueira redonda vive dessas ideias que mais procuram encher de maluco o teu umbigo até um cavalo percorrer como louco todo o território de Neruda.

28.2. «Uma catedral é o que mais faz brilhar a tua promessa, mas quando chegar a hóstia das nossas dores não terás como preparar a tua segunda voz para esse delicado momento que não gosta de ribaltas e fraqueza

*Vasconcelos, AB • 105*

28.3. «Uma catedral pode tornar visível o que a noite guarda como parte de uma longa surpresa e o que sentes pelo olfacto é o profano perfume que faz a festa, mas deves jogar o peito contra o vento porque só te poderemos reconhecer depois da seca da Kanjala».

29. Esse espaço só o teu gesto pode ocupar, alarga-se  
com túnicas que seguram o vento que fecha as margens  
da noite presa no violão da nossa infância.

Podes sempre juntar mais colares de cores quentes  
para enfeitar o teu tornozelo, untar com banha de leão  
a dança que podes fazer com um só pé no palco que mais  
vendeu a tua ilusão: «Um leito e suas duas luas só se vivem  
em imaginação e dentro de uma concha.

Existe um traço de mateba  
que prende o fruto esmagado num luando da escola  
onde as mulheres mais ensaiam com leite os delírios  
e as velhas apanham a juventude no toque que vai incendiar  
a noite». A velha Kingando replicou: «Eu sei  
o que é a noite através da ponda  
que Ximinha abandonara frente a um bar que mais parou  
os poetas na sua arte»: a boca com a forma do pomar  
de frutas que foram criadas pelas distrações  
de Deus.

29.1. «Uma âncora de ilusão pode salvar o Jorge Amado quando Quincas abrir com gaivotas os teus braços. E eu com a vela aberta de um mar que não tem porto deixo cordas de naufrágios em teu corpo como se pudesse viver intensamente essa paixão que deixa folhas de prata no chão de praia do nosso quarto. Iluminaste-o quando soltaste os cabelos e senti que os meus dedos não podiam prender a lua porque precisava da parede onde dançava o teu ventre, por serem iguais no esculpir alto do mar». O mar com as suas pedras de sal e sol picado, com uma canoa que veio com a força de uma promessa que Nossa Senhora da Muxima não pode abandonar, são manhãs com seus bordados. E ela sentada no tornozelo da terra como se pudesse somar num só instante o que percorrera por dentro da noite escolhida entre sete cinzeiros e incensos que alargam o domínio do olfacto que descobre algo que mesmo tu não podes untar com óleos de tubarão. «E se puder gritar pelo teu nome pegando numa só vogal, melhor do que um kissange que persegue a moça no seu troféu de colares, ventre e pés que sabem segurar a água no fio de ouro que corta o chão de nosso quarto: persegues alguém?», «Só sei, meu amor, que o teu Quincas Berro d'Água sempre viveu escondido em mim quando podia conversar com as bessanganas que me faziam sentir o cheiro de leite azedo nos momentos em que ficava sentada à varanda para esperar a lua cheia e mostrar a minha saia branca».

29.2. «Um fruto maduro, até pela pressa com que o devoras, não deixa em tua língua o seu lado ácido e o oposto é tão vivo e marcante quanto ao que tu podes viver em inocência sem que te proibas de voltar a sonhar como se todo o mar de Quincas fosse aberto só em teus naufrágios».

*Vasconcelos, AB • 109*

29.3. «Oh, esse mar veio com a gaivota que deixei pendurada em teus seios e nada te impede de voltares pela mesma aguarela se tiveres uma porta para a tua saída depois de achares pelo minguido horizonte que te falta uma ilha no meio da insónia».

30. «Oh, meu pai, tantas pepitas d'oiro para cobrir  
o teu caixão e ser-te por essas linhas de pureza  
mais próximo o céu, sem um nada  
de privações e balanças que façam o teu sono ser mais  
uma onda de luzes intensamente vivas». E imita-se  
essa antiga crença dos reis que têm no oiro  
a única estrada de regresso à terra numa segunda  
encarnação, mas já como simples escravos  
e poetas sem cálices e nenhuma ninfa  
disponível nos jardins da cidade e com mangas  
na dobra da saia rendada para abrir uma túnica  
contra o mar. «Será que o que se encarna  
é para vivermos o que não pode a memória  
nomear como últimas escolhas?».  
«Oh, meu pai, será que poderás  
fazer estalar esse espelho que segura o ângulo  
mais longínquo do silêncio  
onde os filósofos mais saúdam uma aurora  
que nunca poderei deixar segura e brilhante  
sobre a tua  
tumba?».

30.1. Esses cavalos e suas calçadas de pedra e um palácio onde o mármore marca a imponência do silêncio pelo peso das epopeias: «O jogo só teve início quando se ensaiou nos aterros da sanzala a primeira glória; como seria a pose e que sombras, posições e tintas seriam usados para fazer a tua áurea. Todos os heróis precisam de um compromisso com a ilusão. Podes levantar as batinas, mas surge-te em folhas do melhor papel quem mais retoca em fantasia e risco os preâmbulos. O que se esconde já foi o que mais aplaudimos, é como se as razões tivessem o seu maboque como cobertura que não teme o que se estatela. Tem jeito no engano a si mesmos porque todo o artesão só sabe chorar com a tua mais guardada imperfeição». Esses cavalos e suas batalhas onde o mármore é um sarcófago que mostra através de uma montanha como se desvalorizam os nomes: «Oh, meu filho, assim como o sol nasce na direcção intocável da tua mulemba e morre nas lavras da Nga Zefa, sei que toda a escolha precisa de uma boca de dentes antigos e provas de sabres de guerras em si mesmas destroçadas e de um cego que conheça o veneno que gosta das chuvas», «O que querem os pedintes do reino?». Oh, esses cavalos ficam longe do regresso, não tens como erguer a tua casa, é uma terra que só podes amar no que sonhas. Esperas que o sopro de um vento nasça no rio Kinua para que a canoa do velho Témbua procure levantar a raiz entre estranhas direcções embutidas no garrafão. «Oh, meu herdeiro, esse jogo já viciiei nas mesmas batalhas, só a minha força pode fazer a tua vontade, mas prefiro adiar a festa que te vai consagrar porque ainda gostas de sonhar e dividir em grãos e mesas a terra».

30.2. «O epitáfio pode ser escrito com os dedos do melhor poeta,  
mas não podem as estrofes apagar  
a força do grão de areia como se pudessem  
inventar uma glória  
eterna».

*Vasconcelos, AB • 113*

30.3. «Podes dizer que os amas assim como o leão leva a sua cria para distante dos jacarés, mas essas belas palavras ainda dominadas pelo eco da kabaça perdem a alma de quem as proferiu quando o deixamos no ponto mais alto da montanha».

31. «Oh, minha filha, minha bastante herdeira, o jogo nasceu no palácio mais antigo. Na arena de Roma o leão serviu para desvalorizar o sangue que toda a lealdade precisa até para que o cuspo faça pelo nojo o tamanho de uma sentença. Oh, minha herdeira, aqui está a prova das escolhas numa bandeja de prata do Congo com copos feitos de chifres de palanca onde o maluvo é mais forte porque extraído nas horas que Deus mais aprecia para refazer os destinos. Não pode esse álcool irmão da aurora só fazer brilhar o poder que deixa ajoelhados diante do meu altar os melhores afilhados».

31.1. «Um jogo precisa de derrotas maiores porque os cavalos são meigos no peso que lhes serve de ímpeto quando novas batalhas puxam pelas glórias que já não estão nas trocas que precisas desiguais», «Oh, meu pai, eu vi como o general Vantova vendeu as suas quatro estrelas e a guerra já não tinha os feiticeiros, os seus castelos construídos nas areias do Namibe para sentir como se podem aguçar os sonhos depois da sede gretada nos lábios lhe provocar um oásis que sempre morre no seu esplendor e não podes deixar de ouvir o seu perdão». Todos os muros podem ser mexidos nas suas alturas, mesmo o vento que gosta das nuvens tem o seu nimbo: «Oh, perdão, meu rei, o que me dás de castigo é maior em chagas do que em gozo me tiveras oferecido em migalhas de diamante e geografia periféricas». Todas as alturas do muro podem ter o céu como seu limite: «Um afilhado, infelizmente, não se ama pelo tamanho da sua bondade, seu zelo e cuidados, é sempre a tortura das contas que tens de fazer pegando com unhas o que o destino te reservara até eu te estender a mão, vento bom de outra bússola. E nada te pode ser estranho e nem te demores a ler as linhas da tua mão esquerda porque a tua escolha, meu filho, deixou um nosso irmão à volta do pior tambor de lixo com sobras putrefactas». Todos os muros juntam o espaço numa só treva porque o coração, esse que ama com cálice e odeia com algemas, só tem o seu alívio quando o destino no seu melhor disfarce levanta o seu véu de injustiça e podes chorar por um morto cuja morna impede que reconheças o herói.

31.2. «Oh, querido pai, sabes agora como a tua vingança deixou vazio o prato de porcelana de sopa, mas não deixes que essa almofada bordada com fios d'ouro da Índia te cegue até construíres a tua própria solidão».

*Vasconcelos, AB • 117*

31.3. «Oh, querido rei, sei que o teu castigo é uma curva de jibóia no  
regação da minha ilusão  
e quando olho demoradamente para a altura do pedestal que me  
ofereceste como se fosse teu filho vejo como os títulos e galões me  
deixaram mais distante dos tios e amigos  
da sanzala do Tomby».

32. «Usaste a minha mão direita como ponta do teu veneno, nem uma vara de vime bem cozido te responderia em melhor ímpeto. Fechei portas para que os velhos não tivessem os lábios gretados pelo sal da verdade onde mais pudesses sofrer por abertos e iguais confrontos». As palavras só traçam uma doutrina onde se guardam todos os rosários que fizeram a marca do leão. «Não tens como acabar com as vogais que fazem a minha verdade, sei que o tecto, os triciclos, nossas lavras de milho, valem muito mais do que uma guerra entre uma vespa que tem os olhos precisos no vigiar das vítimas e duas asas que nos enganam, mas longe de reconhecerem a cicatriz dos tropeços que acontecem onde sempre se diz existir o seu néctar. Por isso estou aqui para servir-te com as argúcias antigas».

32.1. «Onde chegou a tua mão direita está a tua avidez  
porque nunca desejei que dobrasses o pano  
de luto». Tudo parece um só elemento, um só xadrez e kissonde  
porque os verbos repetem-se no seu mais breve  
artifício. «Ah, uma casa é a inveja mais preguiçosa  
da utopia», diz o cego. Está sentado  
sobre o mesmo chão de cinza que faz passear  
a faísca até encontrar o seu alimento: um homem precisa  
dessas dores. «As mãos do macaco estão pretas e eternamente  
será o culpado das chamas que cercam as lavras, mas tu tens  
algo mais do que os jogos dos enganos  
porque te amamos, o teu olhar  
é um espelho azul onde pela dose de aguarelas a lua  
mais se entrega em viagens». Toda a mãe tem de saber  
lavar o rio porque temos na água barrenta  
que veio da Etiópia uma cauda grande  
que trava a luz no vale do Késsua. «Sempre tive  
as tuas ideias como algo que dispensava em mim  
o que tinha de procurar como saídas. Sabia  
que os códigos não podiam satisfazer o meu âmago,  
tudo se resume às máscaras que não posso endireitar.  
Já me tornei no que pensas e ages e ordenas e  
eu vou em abertos aplausos  
assim como no jeito vivem os camponeses  
quando oferecem o melhor bezerro  
ao rei».

33. «Uma mão só sente a forma do pão depois de olhares para a periferia incerta através do olhar dos filhos que chegam das escolas com as propinas por pagar, mas podes até escolher como a melhor obra o silêncio que desafia o que não podes mais celebrar apesar de o trigo ser uma dádiva que poderia juntar numa só mesa a família», «Oh, de que trigo falas, se não existe quem em calçada de pedras de ferro ofereça Cristo que vive por nós a rude prova da vida? Uma taça serve para separar a alegria do que mais se apaga na vistosa pérola da manhã quando à borda da caneca fumegam chás de caxinde». «Oh, dia que se forma no esmalte de terra!».

33.1. Depois da visita do último aldeão à casa do Rei, sabemos que a chuva veio ao avesso por culpa da mão de sal das gémeas que podem entender como se fazem os destinos às costas de Deus quando o que soma – apesar do peso do grão de areia –, Lhe sai em dívida para com a perfeição que também soube exhibir à praça uma cruz que mais fragmentou o mundo através dos traços das gaivotas que desfazem o mar quando o grão d’areia espalha as sombras sobre os teus dias. O batuque escolheu para a vertigem um anão todo nu e com sarna para a dança que tem à porta o diabo que sempre se ri porque vinca o início das coisas com o seu capricho. «O que deixas em mel e vinho de palmeira não vai oferecer-te a minha confissão, é como se mais tarde as chamas levantassem a pele do principal batuque: fossem festa meu nome e minha sina. Ah, meu rei, sei que todas as minhas lágrimas vão desfazer a minha vaidade... como tirarei o fio de ouro do pescoço do meu caçula?». Esse é o jogo, aquilo o infinito, não pode o horizonte esconder um anjo na estrada do morro do Mbinda. «Oh, Rei, sempre sentamos na mesma pedra para olharmos através de uma única mulemba e bambus os pássaros e suas rotas íntimas. Ah, como a lua engana o lago e só uma canoa é empurrada pelas antigas culpas que nos separam quando sentias que podias ficar sem sandálias ao meu lado!».

34. «As sandálias rotas, teus pés no mesmo chão  
que piso e sem o felpudo tapete vermelho,  
tão próximos da fragilidade tal como Deus  
quis para que os homens possam ser melhores  
na cura de si próprios através da dor  
e da paixão como o único meio de preparar  
os heterónimos diante dos teus eus. Eu vi um *eu*  
que os psiquiatras queriam como ensaio».  
«Não é louco quem do alto de uma montanha  
queira ter como herança o meu  
bastão, mas quem usa uma flauta  
e sua serpente para conhecer  
a leveza do ouro?». Fez-se silêncio,  
viram o céu (é o mundo a travar o amor)  
nos dois cantos do horizonte, mas o peso das coisas nunca  
se perdem na diferença apesar de um outro eu passar  
distráido pelo mundo com malas cheias de mar  
por oferecer. E continuas marcado  
pelo mistério de uma África  
que já não vai em libertação  
com Mao por  
ajuda.

34.1. «Estás a braços com o espelho de ti próprio,  
entra a luz mortiça do horizonte  
e vejo-te ainda de costas.  
Só o lençol de seda pura da China parece uma aranha  
de água que mais brinca de pirilampo com o tempo  
que vai marcando os decotes de oiro que abri  
só com a bênção da juventude para deixar passar a chama  
em direcção à janela mais alta da cidade». «Ah, querido, é a seda  
que engana o corpo e segura o calor em sua leve  
franja que passa pela tua cintura, aranhas fêmeas que tomam  
dentro de si mesmas o poder da arte, inventam  
o ventre para deixarem esse encanto  
seguir por perto a lua». Ah, olha como vai distante  
o que na calada da noite já escondes  
por teres perdido dentro de ti os espaços  
mais próximos da ilusão... E podemos até fazer  
outras promessas, escrever um novo panfleto  
sem um templo que cuide de vigiar  
as nossas verdades». «Ah, querido, esta sala  
está cheia de água porque o verão tem naufrágios  
onde os lânguidos gemidos pedem  
mais um filho (um leão)  
com as emoções distantes  
das guerras».

35. «Como é que um poeta deixou abandonados os seus versos na cela solitária da cadeia de São Paulo, paredes pintadas de preto com teias que desfazem a luz, lugar onde mais entendi a loucura dos políticos apesar de dizerem em verso que são os voos das gaiivotas que criam a presença de Deus?». Um verso deveria ser a nossa segunda pele no meio de uma ventosa que menos envelheceria a palavra diante das idades que já não chegam para preparar as respostas que nos faltam para entendermos o caos que ficou como marca das utopias.

35.1. «Um dente cariado de um poeta não pode alterar a utopia para a sua podridão», «Sim, meu filho, as palavras podem passar pela cárie de todos os dentes e não perderem a beleza e nem mesmo as moscas do musseque perseguirão as suas vogais. Todas as palavras deveriam conhecer o seu sinaleiro como seu alto orientador através de uma bússola que conhece como os egos fazem as trocas de identidades porque o mundo é uma montra onde os actores vencem quando fingem não ser o que se advinha através dos búzios que as velhas ensinaram a dominar com duas pontas de luar». Podes ver essa lição quando Viriato da Cruz é levado pelos beijos de um casal sentado nos bancos partidos da marginal e o Banco Nacional com todo o cofre do país não faz parte desse idílio por lhes ser cara a pureza: «Amor, dobra o lado do sim». E estão diante do mar e seus barcos iluminados perdem o sentido das viagens, barcos sem âncoras: «Já não se trazem em vaidade as palavras dos exílios, os guerrilheiros e Álvaro Cunhal cedo perderam os antigos aplausos e o umbigo marca o palácio, mas, meu amor, eu levo-te através dos bibes da lua que nos vestem a alma com novas portas e palavras cada vez mais viradas para dentro de nós».

36. «Heh!, papá Tungui, diz se o mel que recebes ao acordar e ao deitar não te fez desconhecer o fel quando tens o mundo pelo que te vale em lutas e farrapos desiguais. Existe uma beleza que vive das intenções dos mendigos e não podes querer o seu efeito terreno, nem podes estar convicto que a palavra povo dure porque Deus o quer debaixo do céu como tem o mar para juntar numa só unha tantas tempestades». O Tiba aparece à porta do palácio com o bastão do rei: «Pois é, caro Tungui, sempre te disse que uma mesa de fartura não faz o homem ter costas que se apressem em formas de biombo diante das verdades que sempre aparecem através do seu próprio esplendor que domina os horizontes porque a sua realidade é uma dimensão onde Deus gosta de permanecer tendo por consolo uma balança de pesos avariados». E tudo o que é amargo parece deixar mais abcessos que ficam como avisos.

36.1. «Oh, grande Rei, o meu filho não voltou como sempre o imaginei na mesma perfeição de uma grinalda poisada na cabeceira de uma noiva de Veneza. E porque o seu coração foi guarida da tua espada usada para proteger até a tua sombra já não reconheço o seu rosto e muito menos as dores do meu parto que só as mães aguentam porque têm de entregar a forma do mundo e suas luzes quando Deus se curva todo para apanhar a melhor manga do Késsua: destino. Pudesse o vento inclinar a sua cabeça sobre os meus joelhos: âncoras». «Oh, mãe Jigondo, ele só foi uma simples escolha de alfabetos que fizeram na distinta roleta o seu nome. Saiba que nunca vi se tinha feição e físico que o pudesse honrar com sangue e apelido até porque o palácio tem outras serviçais com igual ambição até mesmo quando me demoro no WC... Se lhe deste o melhor coração como uma mãe guarda só para si todas as tragédias apesar das incógnitas que fazem o futuro, jamais precisarei de exibir a sua pele de cordeiro em grande volume e brilho pois apanhei-o a dançar à frente do meu espelho. Peço-vos que compreendeis toda essa luz atrevida que juntou ouro em seu punho, essa é uma luxúria que tem o seu castigo, por isso o meu puro desdém».

37. «Dirás que essa é a muralha da nossa vida,  
uma desilusão não serve em comparação  
porque tudo se repete como se tivesses  
de viver o mesmo crime. Podes tentar usar os óculos  
escuros, mas tudo o que se aproxima  
dos teus ditosos cuidados sucumbe  
diante das interrogações da vida e não podes deixar  
que o dia te surpreenda  
por não atravessares  
o seu deserto».

37.1. «Depois de matar a sede na tua caneca de esmalte, não me perguntes se senti o fundo turvo da água. O cágado sai da toca e diz: «O corvo no cume do maior imbondeiro canta até embrulhar a noite num pano preto puxado pelo jacaré e só um anjo saído das nossas feridas passa perto da aurora e não sacode com suas asas as nuvens para ser menor a ameaça do capim seco que se oferece ao sol». A lebre ripostou: «Levas um peso e seus lutos que deixas atrás da casa do Rei, mas nada se pode adiantar ao sol no passo que não sabes fazer e o pior é que te oferecem uma escada revestida com um tapete vermelho e teus olhos turvos pela atenção são quem não segura o último degrau: joelhos feridos». O tempo só conhece a sua identidade no pilar que atravessa a epopeia, suficientemente alto para não reconhecer a origem do sangue. O velho leão toma a palavra depois da velocidade lhe engolir a língua: «Oh, lebre, pergunte ao vento que sabe da sua curva através do meu estômago dobrado como todo o prado de linhas verdes se abre em vidros que registam debaixo da terra os vultos». «Nada mais pode impedir o gozo porque uma arena levanta com lodo a tua pele, esse tilintar de estrelas soltas que fazem girar a ambição até sentirmos como é feita a tristeza de Deus». É nas fronteiras dos objectos que se realçam as arestas que fazem durar os abismos. «No fundo da caneca já estava marcado o teu veneno apesar de respirares de alívio porque todo o deserto se atravessa entre as guardas das águias».

38. «Toda vida guardo dores que não escrevo para que não percorra as mesmas dúvidas, longo percurso de amnésias para poder viver com o que mais nos toca: amar». E podes viver com essa amnésia até porque se ama melhor se não vivermos o que ontem por distração encheira as pálpebras de lágrimas que tinham o seu lenço já envelhecido na cómoda abandonada no canto mais escuro do quarto. «Ah, toda a margem trazida pela gaivota está na cama que preparei com um lençol novo, já vejo sair o teu corpo coberto de espumas que seguro para que em igual maciez e mel passe pelo meu corpo toda a água que te encheu de ideias que deixam sem pires o fogo». E a Joana interrompe: «Viste? Passou uma espuma pelo teu seio e ficou uma cor estranha, de um azul de oiro que encheu o teu olhar como se perdesse o que já viveste com rugas: sonhos», «Ah, amiga, não podes apanhar a ideia que leva em mim espumas que têm muito mais que esse azul do céu, são formas de fogo e uma noite sem guia».

38.1. Olha, amor, o pano do Congo que comprei tem um veludo que vai alargar as nossas noites como pontes rápidas para o sono. A chuva de baba leve e o tecto de zinco do quarto vão inventar uma melodia que só pode deixar espumas no meio do teu ventre e a lua será nossa vizinha quando meus braços inertes depois de seguirem as curvas e luas das ideias receberem o teu corpo como se mais nada pudesses procurar no jardim que sempre fez parte da riqueza da tua caixa de papelão que guardas debaixo da cama». «Podes sentir uma lâmina de fogo quando a chuva cair com fios de harpa no tecto de zinco de nosso quarto. O quarto tem cheiros a jasmim e pitanga quando o sono atravessa a clareira que parece viver fechada no olhar que faz tremer a noite», «Oh, amor, já lavei o pano nas águas do rio, o sabão brincava comigo, fazia espumas que revelavam como o meu corpo são tuas mãos, ainda pensei nas estátuas de mármore que fazem o Rei confessar que Deus o tem como seu único vizinho. Os balões feitos com leves espelhos de água que deixam o mundo mais bonito são a luz mais calma, o azul para onde mais olhamos com pena de nós próprios». «Oh, amor, pitanga e mel, se mais nada pode ser assim tão redondo, esse é o único momento que mais se parece com o acto que Deus não teve dúvidas sobre suas obras e rostos».

39. «Se é pelo coração que passa vaidosa  
a palavra que foge dos pincéis de Neruda  
e faz saltar a vertigem do coração,  
que essas juras ergam o dia  
na maior torre: Sabermos como foi enganado  
o nosso filho!». «Um muro não faz a amnésia  
por mais altura que tenha, seus pilares  
como brincos de Deus, nem mesmo os cavalos feridos  
podem assustar os pastores que são  
quem mais conhece os segredos  
e panos de vento e não chega a idade  
do mestre do ungo que aprisiona  
na cabaça d'água uma dançarina  
que fugiu de um postigo  
que foi abandonado num salão dos noctívagos  
do bar “O Seio  
da Lua”».

39.1. «Não, não olhem para dentro de mim, o mundo joga-se com espelhos onde desaparecem os símbolos, horas abertas de vinho, cabelos caídos de branco numa concha onde mais se guarda a ilusão: Existe quem morra no salão do palácio cheio de comensais vestidos a rigor para se diferenciarem dos mendigos que rondam os largos da cidade cheios de imponentes estátuas que apontam para o céu que os engana em direcções». E as trouxas parecem troféus que já guardaram as tragédias. Só a essência das razões mostra como é fácil abrir o circo. «Um vento levanta a sua saia plissada e vê-se o joelho da lua e a cidade fica enrolada na sua cintura. Uma virgem oferece o número de telemóvel ao rapaz sem camisa, esse é o emprego e Deus ri-se porque foram os músculos que fecharam o éden e Eva ainda gosta de semba: um polícia anti-motim pediu-lhe o alvará, foi algemado num poste de luz sem lâmpadas, mas dois meses depois, diante da beleza da lâmpada fundida, o bairro fez o seu casamento». «Deus não vos ofereceu o seu dedo indicador só porque no bar encontrei o meu Neruda sentado perto de uma ilusão que cresceu em lágrimas porque todos sentiram que estávamos muitos sós... Um vento levanta a sua saia rodada e plissada da mulher que não tem nome: «Existe um triciclo que atravessa a minha tarde». «Sim, mulher, só o meu olhar consegue alcançar o teu nome, pode ser cálice mas bastava o belisco mais suave da vida para fechar os jardins do palácio que fazem prender a tua túnica numa palmeira».

40. «Oh, nuvens de algodão, a que mais desce  
parece ser a minha mão. Toca nas árvores e tectos  
de zinco quando desces, avezinha, como a mais fina  
brisa da noite e debaixo das portas  
que só os pobres poetas sabem abrir com suas  
chaves de ilusão. Atiras com ondas de vento  
que passam pelas sangas de barro preto os longos laços  
de frio que fazem os caracóis da paixão  
rolar cobertos de fogo. Oh, terra, agora vejo-te  
em todas as tuas casas de papelão e praças  
sem bancos e o miolo dos livros de Gorki que guarda  
os chouriços, as jingubas e não podem suas ficções  
ter um jardim onde minhas nuvens pudessem  
tocar os lírios, as rosas e seus espinhos  
que gostam de conviver  
com os homens».

40.1. «Oh, Tiba, repara como as minhas mãos  
são nuvens tão leves que nada mais posso oferecer  
com a forma de casa e suas massas que inventam a cidade  
parada nos passeios que escolhi e vejo o meu esquife  
na viagem mais longa ao cemitério do “Alto das Cruzes”.  
Ainda mantenho as vantagens, são nuvens leves  
que deixam ver tão claro o que fiz  
para errar e suas chagas... Não, não cuidei da humanidade  
dos meus patrícios porque um palácio  
são ouros movediços que enfeitam qualquer pulso  
e nas suas quatro paredes nunca poderás ver o homem.  
Giras uma corda e toda a música apresenta à cerimónia  
os tolos que criaste para que te sirvam na feitura  
dos muros que tens de manter altos», «Oh, amigo Rei,  
sai das nuvens, mas leva dentro de ti a brisa  
mais fina que deixa a relva muito verde  
para que no palácio e ainda amanhã, depois de o primeiro  
galo acordar os atrasados, receberes o irmão  
que foi maltratado com o candelabro de diamantes  
da tua porta de favores e com a ajuda da aurora  
e seus panfletos cuidares sem mercúrios  
dos seus cansaços. Uma lágrima não limpa  
toda a mágoa, precisas ainda de sofrer  
com o coração e suas utopias  
para que as tuas escolhas  
não fiquem tocadas  
pelos laços  
d’oiro».

41. «Viemos de longe, dizem esses pés  
que estão na bacia cheia de folhas para curar as chagas,  
mas não podemos usar essa mesma água  
para cicatrizar o que dói mais do que a inclemência  
de um sabre», «Olha o que o ouro fez?». E pode sentir-se  
que tudo se passa com peças, balaústres, lances e pós  
que já fizeram parte de um antigo tribunal  
sem janelas onde o grito dos justos  
não pode ser ouvido. E as mães sentem  
os ventres dobrados e sem o apoio da imaginação  
dos revolucionários deixam de saber  
como se escolhem nos notários  
os nomes. Jogam à rua pelos tectos a única herança  
que travou os soldados na mais alta coluna dos  
seus troféus: tragédias. «Oh, soba Numa, deixa cair  
o bastão porque hoje ainda persegues o que em ti gira  
em selo que tem já o seu destinatário, e vives  
com o que te deixam pensar que foste o melhor  
irmão das vítimas, mas essa balança  
que podemos encontrar no caixote de lixo,  
já teve dono: Máximo Gorki. As memórias andam  
com os medos e rabos de leão  
que cercam a tua  
cidade».

41.1. «Oh, soba grande, tentas saber se o último preso fuzilado falou da tua bondade como se a morte fosse o mais brilhante troféu que pode enfeitar a vida e usas o Lenine de óculos partidos que vive num hospício que tem à entrada do seu quarto uma cartilha preparada pelos teus poemas que recitaste num comício que criara uma montra cheia de luzes e celofane só para montares uma traição que sente a perfeição da tua ficção. Assim, levantas à frente de ti um homem depois de a saldo lhe ofereceres um rosto e as vénias: “Esse eu é que têm de conhecer, um homem sempre usa uma máscara que está diante do seu eterno jogo para que não se fira”. Ofereces depois um verbete onde só um herói e santo poderia igualar-te em tão perfeita e singular obra de maquilhagem. «As mães ficaram nuas no átrio das igrejas principais da Maxinde porque toda a sombra empurrou o dia para as mãos de um padre», «Sei que me condenas, é errado... mas eu fiz muito pelos presos, precisei das suas lágrimas só para montar uma verdade. Reconheço pela cadeia que vivi no Aljube que todos perdemos um pouco de nós nas horas solitárias de tortura porque as paredes são anjos de sangue que brincam com o dia».

*«Na catedral as gaivotas fizeram durar os mares  
até as pátrias ficarem sob o domínio de uma única  
razão»*

Vasconcelos, AB, *Tábua*, Luanda,  
União dos Escritores Angolanos, 2004

*Vasconcelos, AB • 139*



*«A montanha fez o silêncio, mas perdeu o melhor pastor porque  
todas as suas palavras passeiam com o vento  
e não voltaram para  
que víssemos o quanto emagreceram»\**

*\*Máxima do autor no livro *Olímias*, Luanda,  
União dos Escritores Angolanos, 2005*

*Vasconcelos, AB • 141*



*Andamento n.º 3*: Oh, amor, a vida não pode ser edificada só com trampolins, como são velhos os sinais de salalé e por esse caminho é que ninguém mais se pode ofender por se considerar enganado. A moeda só tem duas faces, mas só o peso dos teus oiros pode jogar com a sorte que sempre precisa do teu punho. Eu prefiro que o teu nome possa estar escrito na melhor pedra de mármore verde, essa cor que o mundo quer aguar e todas as mães possam mostrar as suas chagas sem que sangue algum manche o teu lenço branco. «Pareces o Tiba». «Não, não queiras empunhar a tua espada, apesar de afiada não terias se não o céu e esse não sangra». É agora o que te dói que deve fazer-te adulto pois na velhice ao dobrares a orelha nada mais sangra como é torto o que não teve colo. Amor, também sinto que o baloiço da vida tem de ter dois pêndulos sobre o campo de milho, minhas mãos abertas perto dos pássaros que passam como lâminas da terra molhada com a chuva dos Ndembos que de tão leves deixam o teu busto preso à luz que cai das mulembas.

*Andamento n.º 4*: O que disse em delírio só vale o que recebi  
das montanhas mais altas onde ensaiei o único estilo  
da minha presença diante das arestas.  
E fiquei muito mais distante de mim mesmo  
e não tive saudades e receio dos lenços  
molhados que cuidam dos recuos já que lá longe,  
onde só Deus pode escutar, as minhas palavras  
perdiam cada vez mais a matiz  
da minha identidade e os outros loucos  
mais antigos que se suicidavam aproveitando  
a vertigem a saldo. Falo de Lameira, Viriato, Aristóteles  
e Zaratustra, Luther King, Kwame Nkrumah  
e sem minha licença e garantias  
foram acrescentando mais escadas – eu vi como  
se prepara o crime apesar de o palácio  
ter o chão mais limpo –, tiraram até os pilares  
para arranjo dos seus túmulos, também  
para que mais planícies de algodão pudessem  
surgir como conforto das fugas. Essa ferida  
não podes sentir sozinho, todas as lágrimas  
são o que todos deixam escorrer  
sobre o que já não se pode  
recuperar. Oh, meu rei, sou o velho Tiba, não podes  
inaugurar os palcos que construístes para lançares  
os novos loucos e assim salvars  
a arte do camaleão. Sim, sempre segurarei  
o punho do teu bastão e menos  
tecto terás para devaneio  
do teu ego.

*«Uma cobra, por força das mil vezes enganada  
por uma flauta, pode dormir no teu regaço apesar do veneno  
das suas entranhas poder turvar de pedra o teu sono»*

Vasconcelos, AB, *Olimias*, Luanda,  
União dos Escritores Angolanos, 2005

*Vasconcelos, AB • 145*



*«Tens o malivo que juntam os homens da sanzala  
à volta da tua vaidade, chega o infortúnio e o pátio  
é o lugar onde só o vento brinca com as folhas  
cáidas»\**

*\*Máxima do autor no livro *Olímias*, Luanda,  
União dos Escritores Angolanos, 2005*

*Vasconcelos, AB • 147*



1. *Sentença*: Oh, Rei, o pássaro da noite não abandonou  
a varanda do teu quarto apesar de o assobio  
da velha Hebo sair da borda da sanga  
que te foi oferecida cheia de mel e um lago sem espelhos  
ficou guardado na tua almofada  
que dizes estar presa no meio do tecto  
do quarto sem que a possas reposicionar  
como tua guarida e confiança, lugar onde o corpo  
pode sair um pouco mais jovem. Só tens de sacudir  
em ti mesmo esse *eu* que menos  
conheces, mas que mais abcessos  
deixam em nós como o teu único valor e rosto.  
A hiena ainda dançou toda a noite na pele aquecida  
do teu batuque, mas foste incapaz de guardar  
em boa urna de areia as suas unhas afiadas  
nas pedras de Kifangondo  
que fizeram a altura  
dos quintais.

*1.1. Sentença:* Todo o sonho procura perseguir as marcas dos tactos porque é sempre prodigiosa a forma antiga da argila, sua inteira entrega como prova marcante das existências e toda a ilusão só é suave na feira de artesanato onde tudo é um engano. E podes até gostar desse namoro que anula todas as palavras que trazem a felicidade mais amiga dos loucos... Todo o desejo, apesar de denso de intimidades e de persianas de mogno fechadas à cara dos poetas, já foi uma dor com as suas crostas e até em outros terreiros usados em desabrigo diante de causas que já tinham de forma quase vidente os seus eternos traumatizados, seus irmãos filósofos e os verdugos. A sede até pode juntar à volta do chafariz um enorme conforto de mãos côncavas como se tudo valesse por esse momento e não podes exhibir a tua bracelete d'ouro em mais valor que essas insónias que definham os corpos. Olha, meu Rei, a pedra que atiraste em forte velocidade e intocável trajecto pode fazer voltar o teu sono aos espelhos que dominam a lagoa, mas o tempo – seu ontem e suas repetidas imagens –, apesar de abusar das cicatrizes, deixará marcas como prova das feridas que abriste.

*Máxima da Sentença*

*«Não podes dizer que a poeira durou  
o tempo de a semente ficar um enorme embondeiro  
se recebeste a insónia que fez baixar o tecto tal como Deus  
teve a montanha e suas oliveiras  
para poder sem desprezo decidir-Se pelo beijo  
ao Judas».*

*Máxima da Sentença*

*«Oh, Rei, dançamos o teu batuque de peles de leopardos  
e até o macaco perdeu a destreza  
dos seus saltos, mas quando ainda a aurora  
estava distraída em volta dos botões  
das laranjeiras  
desceu um pássaro do céu alto e disse  
“Ah, aqui temos açúcar”».*

*Máxima da Sentença*

*«Oh, meus servos, dois olhos não podem ver o bater  
da minha mão direita no batuque  
que faz um alto rufar que não se afina, só  
a cegueira pode empregar os profetas  
que gostam de jóias à volta do  
mundo».*

*Máxima das Máximas  
da Sentença*

*«Oh, rei, se um embondeiro é vizinho de todas as tempestades,  
já as noites que ficaram como gesso  
das insónias não podem oferecer o teu coração  
à medida das raízes do seu caule e muito menos  
podem fazer sete sombras para disfarçar  
o vício do teu sabre».*

«Se os deuses nascem com a nossa dor, as rosas vivem em  
cores fortes com as velas que deixamos acesas sobre as  
bancas de cabeceira»



42. Não vais negar que esse musgo sobre os nossos lençóis  
veio com o que te entregara mais maduro  
que a pitanga, mas alguém usou o postigo do quarto  
e gritou: «A sede fez toda a língua onde o seu poiso  
tem como parte uma lagoa  
porque não podes dizer que alguma vez  
viveste igual febre. Ficaste dois dias à varanda  
e viste a lua descer através de um baloiço  
de lençóis aí onde o gemido  
abriu as três velas de um barco  
cujas viagens precisaram  
dos teus gestos». E se dizes que podes usar a memória  
tudo se perde porque é algo que se basta  
em perfeição no que sabe  
guardar: «A viagem da ilusão  
faz-se com as malas  
dos poetas que nunca foram  
aceites nos  
jornais».

42.1.«Entrego essa velas às minhas entranhas e se chorar não precisas que uma noite te explique como existem lágrimas que têm pedras de sal que só podem alimentar o cavalo que foge com o teu nome». O lençol cobre a lua que lança a sua teia de prata e o quarto parece que salva o mundo de mais suicídios. Tão perto do oratório de Tété está o espaço que mais conhece os partos, só aqui os poetas Viriato e Guillén encontram o emprego no teu ombro que parece descaído para o mar. «Não tem fim essa espada que só sabe fazer cair o céu em pedaços de algodão doce, mas tão cortante como se o alvo fosse todo o meu ventre no que lhe não cabe em mais espaço para encontrar a lua numa teia que fosse cadeia de uma ideia que fizesse maior o teu silêncio que levanta uma ninfa que fugiu do violão do Artur Nunes para cortar com um soluço grave a cauda da noite». Uma gaiivota velha pendurada numa lâmpada que mexe com o centro do quarto diz: «Oh, fechas os olhos e toda a imagem fica colada à pele porque o alvo dessas insónias e fantasias é um mukixi que levanta com danças de ventre os teus cabelos que cobrem o mar que só essa febre pode criar».

43. «E o prego que falta não é um sonho  
que ficou sem um espelho  
onde crescer? Um boneco anão  
de pau preto e de traço naif pode guardar a desilusão  
através do prego entranhado em seu peito. Tocas  
o tecto erguendo diante de ti o lugar da lua  
e não sei se o chão serve em pleno  
para que apanhe novos elásticos depois de sentir  
o encontrão contra a cabeceira  
da cama». O boneco deixa uma sombra  
de pedra percorrer o silêncio  
à procura do seu templo. «A velha Ngui tirou o prego  
do peito usando duas noites ligadas por uma lâmina  
branca onde se preparam  
a maçã, a vaidade  
e a inveja».

43.1. «Pega-se a ponta da noite e o seu brinco de prata onde os poetas largam os seus pássaros, mas depois não precisas tornar a tua presença visível, és parte do engodo que só a ilusão pode preparar com bálsamos, é um suspiro ao comprido de uma paixão que precisas sacudir em lágrimas». A noite já foi a cintura mais apertada dos bares que fizeram sair a nudez dos joelhos e todo o violão já foi o seu guarda através de âncoras de um mar de cabedal sem saídas porque temos de viver o que por menos aguarelas te oferecem as cores vivas das insónias de um pedinte que atira a sua única filha contra o sol: «O prego está perdido no meio da noite e suas placas, mas tenho a tua cintura quando todas as ideias fazem levantar o ego da sua invisibilidade no que lhe é intenso por sair do dorso de sono e podes oferecer as tuas unhas de fogo que abrem em dois lençóis a ilusão», «Só os cavalos de cal atravessam a intimidade para terem no castiçal o domínio dos relevos porque todo o tacto é sempre uma imagem de mel sobre duas asas de sono que cobrem os teus peitos».

44. «Olhas para o vizinho através dos seus nove anéis  
e te demoras nos detalhes mais pesados  
de diamante porque um ranço toma o teu coração  
e vives uma guerra sem soldados e quartéis  
porque queres igual divisa  
nos teus dedos nus». «Oh, amigo, o horizonte  
só pode ser dominado pela montanha  
da Tunda-Vala porque o mar é um engano  
que ameaça o criador e poderá ver-se obrigado  
a ter um rosto apesar de a chuva  
sobre a sanzala deixar uma relva verde  
tocada pelos cabelos da aurora: os olhos,  
se são o leito das lágrimas onde Deus  
recolhe cristais de sal para lançar ao mar, gostam  
de criar de forma inteira uma terra  
de espelhos onde a lua dança  
com enigmas. E o que chorares será uma carícia  
da morte através da saturação  
das pálpebras que não aceitam  
perder o mundo».

44.1. «O boi no espeto, apesar de levantar uma poeira de prata e uma música que se prende na garganta da sanga, não pode fazer a bondade debaixo do teu céu que não alcanças em sua pureza.

Apesar de te coçares com as penas do mais belo pavão não pode o que lhe dá brio fazer durar em ti esse gozo capaz de erguer um templo pelas tuas ambições. Vem logo a dor em sua fila de sombras e arestas e um sol apanhado pelos gafanhotos apesar de partires duas garrafas de vinho de palmeira à porta da velha Ngonda para que os olhos dos vizinhos não fiquem gordos com o oiro e alegrias da tua casa», «Oh, mãe Ngonda, levantas com agulhas os teus panos para que toda a sanzala fique presa à bainha que guardas com sal... essa é uma incógnita que mereço apesar de o espeto de boi que divido não chegar para poisar na pedra preta do rio Kwanza o que se perde por dar em igual valor essa ilusão que mais parece uma casa com excesso de janelas».

44.2. «Olhas para o vizinho não pelo orgulho do seu feito depois de ter passado gordo a seca que despovoou a sanzala, mas sim com os olhos que deixam o celeiro à mercê do fósforo e da pedra que gosta das cinzas».

*Vasconcelos, AB • 163*

44.3. «Feres a tua infância com o que te envergonha  
e não tens como voltar à terra para permaneceres fiel  
aos objectos e seus valores  
antigos e com mais desespero  
usas o sabre».

45. «Essa porta é assim tão longa?». Tua cintura  
há muito que deixara um artesão sonhar  
como sua melhor peça porque todos esperam  
pela oferta da luz, um espelho de bolso que gira  
perto dos teus seios, uma gaivota que  
salta para os quatro ângulos. «Ah, se apanhar  
o sol na mais baixa escultura da tua cintura  
e se o mar abrir os contornos  
que nunca poderei ver com túnicas  
como conforto e se o espelho for maior  
do que a ilusão e as ideias tornarem mais veloz  
os cristais que deixam a lua como base da pele  
de seu rosto, como chamar-te?». «Oh, tudo tem  
de ter um nome usado pelos  
poetas», disse  
Tiba.

45.1. «Corre pela minha imagem um artesão que precisa de um pátio cheio de capim mole. Um arco-íris faz o lago em laços que seguram a tua cintura e é nesses traços, batons, cabelos postiços e pés descalços que a rumba mais parece afiar as tuas unhas: são gritos que mais cuidam das fogueiras e suas noites abotoadas nas tuas túnicas. Escorre pela minha pele um óleo quente por ter passado pela fogueira que não apago até porque não tem dono, o único homem que pode levantar três labaredas entra na dança com um só pé e dois cintos que fazem o lugar da lua e todo o gesto deixa sair pelos suores que mais molham as cobras que dentro de nós têm feito existir os teus ais por sorte de uma flauta de bambu que pudesse amadurecer os frutos que temos de apanhar à noite». O mercado deixou os fregueses sem a intuição das perguntas, procuram o que já foi viciado porque ninguém acredita no silêncio que o artesão precisa junto de teu corpo para apanhar sossegado o espelho que só faz o reflexo da luz com a tua nudez. Essa lâmina não vai longe, só chega onde tu tens de deixar a tua túnica como engano dos pássaros que habitaram o teu último sonho».

45.2. «O que não pode ser teu ofereço-te através da espuma que  
escorre pelas ilusões onde há mais tempo pararam os poetas  
com dois maboques na mão esquerda, que é o domínio  
que mais pode em ideias e chamas com o diabo. Não sei se outra  
presença física  
pode melhorar essa imagem que domina  
os meus dias nessa escada  
que se tornou abrupta».

*Vasconcelos, AB • 167*

45.3. «Nasces com uma mancha no peito direito,  
um sinal de beleza que não faz nenhum valor de identidade  
apesar de os poetas o terem como tesouro,  
mas o que deixas  
marcar no teu coração  
tem traços e egos que nem mesmo Deus pode  
apagar».

46. «Oh, chão e lua numa só insónia  
que deixa o cavalo no meio  
do lago! Podes usar esse pedaço de asa  
que foi curado pelas donzelas onde vive o estado  
da minha juventude, mostra-me essa água  
que podes guardar dentro de uma fantasia,  
tudo moldável como o gesso. Um ancião pode respirar  
entre duas decisões que o levam à igreja  
onde pude levantar o colchão  
que uma madre cobriu com os seus desenhos  
cheios de homens vestidos com túnicas  
de linhos que só mostram os pés  
virados para uma única direcção  
que se aproxima do poster  
que exhibe 50 Cente:  
o quarto».

46.1. A madre mora num convento feito de pedras frias e entre rachas e postigos que dominam a luz com arestas de sombras onde o tacto conhece por dentro as suas entranhas que prendem um poeta só para cuidar das suas insónias. «Oh, meu amor, tu vives assustada porque o teu chão de mármore abre sempre a minha presença de rumba e não sei se já não te deixas segurar no melhor corredor para onde um jardim apresenta a maçã como lhe foi tirada a polpa que mais mexeu com a forma do mundo. São ligeiros os teus passos nesse corredor de fantasias apesar de antecipadamente saberes como procurarei o pássaro da tua tarde». «Olha, deixo-te entre as pernas da minha cama a túnica que cobriu as minhas febres porque sei que a pele regista a escrita perdida nos versos e cartas de namoro de Viriato, mas essa maçã se foi trincada tem de ter a outra marca madura dos desejos que queimei com as minhas franhas tão brancas». Um olhar não pode ser o espaço da paixão apesar de a luz ser a única exposição do sangue que corre diante do único momento que faz girar o nome das mulheres para dentro de uma boca. «Ah, uma aurora é como a minha amante já que vi como enrola num tempo de lua a face mais redonda da minha paixão e não posso estar com dúvidas».

47. «Oh, espuma que mais torna a minha pele numa lâmina  
de lama de bagre que sabe no turvo viver  
melhor com o corpo que conhece como se abrem  
os portões sobre pedras de nume  
que fazem chegar em mais contornos a fogueira  
que sempre esteve escondida debaixo  
da minha almofada que viaja comigo  
abraçado à vizinha», «E eu vou com ajuda  
do cego Kingala que conta com uma antena de música  
de ungo que aumenta os gestos debaixo  
de um lençol da Índia que ficou preso  
ao teu tornozelo como enfeite de um mar  
que atravessa a ilusão», «Não, meu amor, por este lençol  
já fiz descer a lua e a sua erva para dentro  
do teu ungo e a igreja ficou dois meses sem tocar  
os seus sinos. É de outras músicas essa oferta que deixas  
perto da única cobra que consegue seguir  
o vento em meu  
ventre».

47.1. «O velho Kingala não erra, a melhor peça de carne cai sempre na sua ratoeira. Toda a arte domina no espelho as pétalas das estações, dizem os homens que gostam de abrir o peito contra o vento que parece trazer o Kwanza no seu jogral e força, que esse nosso velho pai já andou com búzios atrás dos teus gemidos e teve amizades das mulheres gordas na lentidão que gosta da chuva porque podes guardar o calor das noites que fazes dançar no balaio. E uma praça mostra essa saia curta num cabide que aumenta o número de poetas no bar da esquina sem moedas fortes para fechar os cadernos de vales», «Ah, esse passo lento veio com o outro lado que viveu uma malícia na esquina do bar onde a lua desceu pelo teu braço e não tiveste de o gesticular porque a túnica foi puxada pela gaivota que escolheu o teu quarto», «Esse açúcar e essa pressa no mesmo lugar onde uma estante só pode fazer a exposição dos objectos que usaste depois do banho, conheces esse homem porque te pediu que parasses não fosse o fogo devorar o teu esforço, melhor em balanço esse banco onde a cidade de vidro se senta para falar da última luz que veio com o teu tornozelo».

48. «O que conhecemos não chega porque toda a morte  
precisa de uma velha que aponte como se fez  
a última despedida até para que uma pedra  
que faz a melhor tumba apanhe pelas missangas  
da manhã cedo a cabeça da cobra», «Sim, mãe Beba, estou nua e  
vou sair com os vossos choros à procura  
do lugar onde mais ficou o céu  
amarrado num quarto com os batuques  
que só fazem o som da coruja e assobios  
de garrafão apesar de as mãos serem fortes  
e terem conhecido  
como se faz o choro  
da aurora».

48.1. «Oh, vida, sempre aproximei o sol  
do teu caminho, assim como a coruja está agarrada  
à noite porque um anão toca o batuque  
que mais solta a alegria do komba, levanto  
todos as fontes porque é lá onde a aurora  
brinca mais e até vi Neruda à porta  
de um bar. Uma impala faz o nosso consolo  
apesar de o escultor deixar de amar a sua obra  
porque existe em tudo uma estrela que deixa um abismo  
mais feito à medida do que se sabe imaginar  
por força das arestas», «Oh, amor, conhecemos  
o escultor porque sempre vigiámos a nuvem  
que desceu para o seu pincel, foram as insónias  
que se levantaram contra o seu próprio delírio,  
não queriam a noite como sua horta, a urgência  
era só para desfazer todas as identidades, pois o céu  
só pode ser para as gaivotas que tenham  
partido de uma varanda que só o coração  
pode construir diante dessa forma  
dura do mundo: utopia». «Olha, Nayme, cuidas  
da rosa com o rodado do teu vestido e é esse gesto  
que oferece o luando onde a melhor dançarina  
de pétalas disputará pelas cores de verão o teu espaço  
com colmeias por cima da água e ficas outra vez só  
porque essa é uma cor que foi vivida  
quando tinhas  
quinze  
anos».

49. «Não quero ter cinco olhos, no céu  
alto só as águias podem tudo num ângulo  
deserto e todo o horizonte se junta como uma aldeia.  
A minha alma não pode ser o espelho  
onde todos os rios abandonem os seus leitos. Nem todo  
o barro, apesar de Deus o ter em muita  
utilidade, serve para edificares as tuas  
paredes», «Hoje vais ter de escolher mesmo que o céu  
seja puxado pelo corno afiado da pacassa.  
Será ouro cada letra dessas desculpas  
diante das mais velhas da sanzala  
que mostram como se faz  
um parto: nesse instante o sol não parece  
ser a mais forte verdade, mas as fraldas  
brancas deixam os quintais  
entregues aos anjos em ofícios  
de ilusão que partem com o mundo  
preso a uma varanda por cima do mar  
e mesmo assim não sabem como e onde  
abandonaremos essas obras que deixam  
acesos os vestígios  
de Deus».

49.1. E Deus já não toca  
o violão de papelão que passa pelas nossas vidas,  
e no pátio da sanzala o relógio envelhece  
por falta de ervas de Deus que gostam de preparar  
o parto. Os sapos dançam com os bocados de sol  
na boca dos peixes: destino. «Oh, gente pobre,  
o castigo gosta de escolher  
um cão de duas cabeças que vira para dentro de nós  
o seu mal e preferem-se as filhas mais bonitas. A gazela  
não desfez a ira e a inveja do caçador  
que tinha tanto para apreciar  
com o lado mais alto do coração. O cágado  
apesar de chegar tarde e com a lua veio com  
a verdade já crescida, mas a lebre só sentiu as estrelas  
do dia que tinham como alvo fazer  
crescer a ilusão». «Oh, quem destapou  
o lençol de pedra  
do Tiba?».

49.2. «Uma traição não precisa das razões  
que levem  
o sol para o seu mais baixo valor».

*Vasconcelos, AB • 177*

49.3. «O azeite da lamparina apesar de purificar a luz  
não pode alterar a tua sorte  
porque nem sempre  
as razões têm à guarda um Deus que lute sem tréguas  
pela bondade».

50. «Se esse bode nem puder andar até à porta  
de nossa casa, que força erguerás da tua virgindade  
até que a janela seja a única nave acesa  
da cidade?». Todo o sangue mostra como Deus  
aprecia a sua mais exposta existência até para que depois  
entre pelo âmago do país através das espigas  
de milho que guardam os mais temidos  
silêncios. «Não, eu vi como o meu filho fez  
a escolha, mais do que as imagens íngremes  
das escadas cheias de colchões  
porque ainda toquei na luz  
como linha de mogno que espelha tudo,  
como se esse dote fosse parte de um desafio  
porque queremos os netos para fazerem melhor  
do que as nossas imperfeições. No prato  
de sal juntaremos duas raízes que fazem  
tranças em cada instante  
que o dia cresce». O sangue  
em nosso chão depois de os elefantes  
fazerem as suas lutas não pode manchar  
o algodão do nosso perdão, precisamos  
do sossego à entrada de casa e de uma mulemba  
que cresça ao lado  
da primavera.

50.1. «Aqui está o bode», «Sim, meu amor, dominaste os meus espaços de bonecas onde a luz só tocava o meu espelho deixando fugir para a minha gaivota um azul que me fazia acordar como filha do fogo», «Ah, tenho também dois lençóis de linho e com bordados que rodeiam o dia como tua almofada onde poisarei as insónias que foram deixadas pelas cobras que atravessaram a janela do teu quarto distante da vigilância dos teus pais», «Oh, meu amor, como tremeu o meu mundo e parti três bonecas de porcelana e sete cálices que pareciam alinhar os dias... Foram tantas as incerteza que quase fecharam em mim a alegria, afinal os dias foram caindo como pétalas virgens numa novela que não aguentou o lugar das promessas que giram sempre nos carrosséis que guardamos debaixo das almofadas», «Aqui está o bode, não lhe faltam os chifres em arco como se todo o meu corpo e seu prumo terá de levantar a terra do lugar onde poderão ver-me diante dos ventos que vão empurrar as nossas malas para um só tecto», «Sim, levanta a vela que cobre a minha ilusão e que meus olhos sejam a bússola que vai escolher a ilha onde todos os mares vão cruzar os seus ventos porque meu pai é quem os move com suas mãos de nuvens de algodão da Baixa de Cassange para que nenhuma tormenta em mar aberto possa ter um cotovelo de rochas que levante os soluços».

51. No lugar onde mais dificuldade temos  
em nos apanhar fixando a recordação materna,  
eu vi como as estátuas estão arrumadas  
sobre as crenças, medos e suas hostes, tudo  
com a mesma perfeição que vem dos artesãos e nada  
mais é igual a ti próprio, o espaço  
que tens não pode ser a configuração íntima  
das asas e mares que são lemes  
e brincam com os sonhos. Essa perda  
de ti faz os filósofos odiarem  
a ordem das emoções. Podes fazer o teu nome  
se honras te couberem diante de todas as aflições  
e nem por isso a tua mãe reconhecerá feliz  
como se fez o teu parto. Levantas  
com cuidado primaveril (aquela folha foge lenta)  
e de circo a melhor dúvida, fazes disso  
o teu mais caro troféu para que toda a festa da rua  
se resuma no enterro da verdade.  
Um anjo diz: «Não posso passar por essa rua  
tão larga, tudo foi montado até para que exista  
um novo deus que deixa a sua cruz às costas  
dos mais frágeis. E esse azul fundo de nudez  
é um campo de loucura num golpe de poesia  
porque puedes usar esse silêncio  
para abandonares  
a minha  
asa».

51.1. «Olha, mestre Tukina, toca o batuque com mãos graves para que a coruja procure outra sanzala no cotovelo do rio Kwanza. Já tivemos as nossas lágrimas e cavada ficou a sombra no arco do abismo e não podes apontar com precisão o que nos persegue: Oh, não fosses parte, rumor e punho desses erros que fecham numa pedra que não se pode salvar o coração!», «Podes afastar a coruja e dançar no cemitério mais antigo onde as cruzes partidas já não prendem o céu nos epitáfios, mas as estrias ficam como pesos das sombras que não mudam o que em ti se eleva em nuvens porque levantas o mesmo sabre». «O destino troca-se num balaio porque estás mais próximo dos mesmos erros, esses arcos têm um único ponto onde o mundo mais se diminui por ver Picasso morrer», «Os que fizeram essa guerra não tinham as lavras no mesmo vale, os primos estavam em Nova Iorque e Lisboa e os ratos cresceram nos seus celeiros e saem das tocas com dois longos dentes quando morre o nosso batuque depois de rasgarem essas cores que foram os únicos brinquedos de Picasso».

52. «Essa noite é nossa!», «Quantas ideias não  
queimam as minhas mãos que já foram com o sonho  
e vinho a tocar a tua cintura?». A água com ervas — ervas que  
conhecem o corpo e o coração —, celha cheia  
que recebeu a luz da lua no fundo  
do quintal e nada pode o silêncio porque a sedução  
atravessa os espelhos com força  
de leão: «Que música se salva de minha  
ilusão?».

52.1. A tua cintura guarda uma cobra porque é a dança  
que mais empurra o teu corpo contra a lua  
e faz aguçar um dente de onça sobre a minha pele  
e a vizinha Ximinha com inveja diz: «Como te atreves  
a prender um baloiço no volante  
inclinado da noite? Como é que o postigo  
do teu quarto voa compacto até à praça  
onde os homens decidem tocar os seus corpos  
com cordas grossas de violões  
cujas pautas prendem os teus pulsos  
e a cada movimento de abraços a lua  
mais intensa cai nos vitrais  
da tua janela?», «O diabo com a ajuda  
dos kissanges soltos pelos cálices  
d'amarula e pelas ideias guardadas nas portas  
semi-abertas dos prostíbulos deixa o sangue cair  
em ponta de diamante até ao teu ventre e a um tronco  
a atravessar os teus gemidos». «Toda a noite precisa  
de um perseguidor da lua quando toma o valor  
da prata em teu umbigo». Apenas sabemos que devemos  
viver esses instantes únicos. «Apenas sei que um corpo  
de impala e cobra prende com as minhas mãos o lençol  
que guarda o tesouro». Podem chegar os sons distantes  
de batuques que só levantam das suas guardas  
de sono as corujas: «A vida só guarda o que a magoa  
por dentro, apesar de fazermos durar a feira de um  
verão», ripostou Ximinha. «Oh, amor, olha como dura  
essa viagem de ondas na celha que abre  
a lua em teu  
corpo!».

52.2. «Não duvides do lugar da lua nos lençóis que penduramos  
à janela da velha Ximinha,  
a ilusão é o que fez a velocidade do sangue  
largar espumas brancas que alargam o  
céu».

*Vasconcelos, AB • 185*

52.3. «Não olhes para a cobra com sete paus com pontas de sabre,  
mas experimenta apanhares a lua  
com a mania e rasto de seu corpo que gosta das curvas».

*«A cor vem do prado através das libelinhas que guardam  
o sol nas suas asas e todo o pintor é essa invenção que começa  
em teu ventre»*

Vasconcelos, AB, *Olímias*, Luanda,  
União dos Escritores Angolanos, 2005

*Vasconcelos, AB • 187*

*«Levantas-te dos escombros, entre cactos, pregos e  
ranhos e muito antes de poisares a tua cabeça na almofada  
preparada pela família  
já te fazes com a madrugada ao caminho  
e tens outra vez de te sacudires porque são maiores  
as escoriações que abalam o teu pobre coração»*

Vasconcelos, AB, Olímias, Luanda,  
União dos Escritores Angolanos, 2005

*«Ensaíaste a tua voz com os canários da tua janela  
mas deixaste morrer as palavras que fazem  
as raízes do teu ser»\**

*Máxima in Olímias, de Vasconcelos, AB,  
«Guaches da vida»,  
UEA, ano de 2005*

*Vasconcelos, AB • 189*



*Andamento n.º 5:* «Oh, meu filho, chegaste magoado e sem glórias e mesmo com tudo em ti em ruínas e avessos vieste falar-me dos nossos mortos. Foste ainda capaz de deixar sobre a minha mesa um cofre cheio de diamantes. Sobre o tampo de mogno rabisquei o prólogo do teu fim sobre as urtigas porque disseram-me que deixaste de acreditar nos medalhões e galões que coloquei em teus ombros», «Oh, meu Rei, a guerra foi dura porque perdeu as suas fronteiras, ninguém conseguiu segurar com lenços de bálsamo a mão inclemente de seu próprio pai, mas em alguns olhares de pedra e só abertos pelas gaivotas pude ver exibida a honra das utopias que já não levantam da tumba o velho Lenine», «Oh, meu filho, nem sempre a sede se mata nas doses d'água do moringue que levas às costas, esses são caminhos e privações mais antigas que as iguanas do morro M'binda. Não podes tirar a casca dura do maboque só porque a polpa precisa de crescer para lavar os teus dentes. Essas gaivotas de pedra já não podem fazer o brilho do meu poder e sabe que, quando o sol não conhece ainda o tecto do céu, já a minha mulher me pergunta pelo tamanho do umbigo do meu Chefe da Polícia que prefere viver numa cela da «Casa da Reclusão», pois só aí sabe inventar com à vontade a arte como tombarão as gaivotas. Não, meu filho, não posso ficar sentado à espera dos aplausos – olha como uma rosa com o seu excesso de beleza esconde os seus espinhos – e quando tudo que vos rodeia é para os meus ouvidos zumbidos cheios de mar das conchas e para os meus olhos fragmentos desiguais das imagens que não podem fazer as grandes verdades»

*Andamento nº 6:* «Oh, meu Rei, vejo que o que trago como meu trunfo nada mais vale e sabes como essas areias dos castelos e seus tectos fazem grandes estrondos quando recuam para os seus lugares, suas valas e margens. E tudo te sobrar­á em lágrimas que não poderás consolar mesmo que abras o lenço de linho e bisso do Alto Congo», «Meu filho, a ideologia sempre despreza as palavras que têm de ser íntimas e muito próximas das lágrimas com que os poetas enchem para delírio as suas taças, mas jamais poderei herdar de meu pai essas dores que acordam Cristo em todos os caminhos, mil vezes prefiro viajar no cavalo que o velho Tiba cuida à porta do meu quintal onde uma trave de pedra preta barra as luzes que as utopias gostam de abandonar na sala nobre do palácio. Ah, todas as vénias já vinham viciadas quando recebiam de minhas mãos o poder. E quem de entre os eleitos não cuidou em maquilhar o seu próprio moribundo em bandejas que depois seriam retocadas com a prata e oiros do meu cofre?», «Em que montanha bem alta poderás abandonar a *herança* que pesa no teu bastão de marfim e pau preto se tudo o que possa brilhar por ironia já está contado pelas dores e mortes dos outros teus irmãos que te estenderam as mãos?», «Oh, meu filho, prefiro acordar com o chilrear dos pássaros na disputa do néctar, porque a imagem que mais longe vai em minhas entranhas é a da rola que traz como sua festa e troféu a provocação do prado abraçado por todos os arco-íris da manhã de chuvas nascidas nos lagos».

*Epitáfio:* A alma deveria estar separada do seu efeito pictórico quando precisamos de usar a boca para dizer «A vida é bela». Deveria ficar sentada na cadeira oposta quando o corpo conhece a dor e se torna inútil a sua função porque olhas com desconfianças para a bacia d'água onde acontece o naufrágio do dia que desfaz os espelhos e mingua todas as imagens até fazerem a dura espessura do silêncio. «Que os espelhos deixassem de existir com o interesse do mundo por lhe ser coisa estéril e a mais perfeita figura seja viver através do rumo dos pássaros, do perfume da chuva quando beija a terra vermelha do Sambizanga, às vezes por ser o primeiro verso de um poema canonizado pelas epopeias que tiveram tempo para eleger as suas desgraças... sei lá!». Só o poema deveria ser a única casa onde a alma pudesse abrir a riqueza do pouco que lhe sobrara dos amores e cálices de desilusões que só o corpo ainda belo soube registrar em chagas e corrupção. E onde a alma pudesse ainda repetir as amostras maquilhadas de nós mesmos até para que perseguíssemos atentos a arte dos nossos próprios enganos, como sempre viveu um *eu* que esteve próximo de ser reconhecido. E manténs um abraço na confusão de *eus* que só faltaram ter os nomes como emblemas de muito valor materno.



*E se uma máxima  
fosse o abrir de uma interrogação  
em algum momento?*



*«Oh, velho Tiba, se a cobra da sanzala do Lombe  
precisa de arestas das pedras  
para deixar a sua própria pele, eu precisarei de viver  
a nudez de mim mesmo  
para sentir o mundo por dentro e sem dó negar a minha  
própria mão direita por melhor  
obra não vos poder  
exibir».*

*«Oh, rei grande, olha como os sabres magoaram  
os nossos filhos.  
São lutos que não alteram em mais brilho  
o teu velho pedestal  
e pior destino não pode ter a nação e tua coroa  
se não sabes pegar em pensos embebidos em mercúrios para sarar estas  
feridas  
que deixam a aurora sem âmagos onde crescer  
em mais aguarelas».*

*«Oh, rei, um algodão embebido em mercúrio  
pode em muita beleza fazer uma crosta:  
são marcas do que se perdera  
em sangue e sinais  
que deixam Deus mais só por não ter desculpas.  
Mas podes sair ileso dessas misérias  
se chorares com os filhos  
que ficaram sem os pais por terem sido  
fuzilados. Toda a glória  
apesar do engodo que se lhe empresta  
precisa desses  
desafios».*

*«No convento da Muxima  
os poetas queimam as mãos côncavas das madres  
com as noites inventadas com violões  
e lençóis de bisso,  
mas na cadeia de São Paulo  
onde fuzilaram o mais jovem preso do mundo...  
oh, vida, os poetas não conseguem apanhar de forma perfeita e alegre os  
maiores sonhos  
nos mais reduzidos  
m<sup>2</sup>».*

*«Oh, rei, na foz do rio Kuimbala,  
entre sombras e capim alto, ficaste à espera dos passos  
que são firmes no andar e vaidade  
e a tua feição  
ganhara em jeito a arte da cobra  
e o calor da inércia fez nascer um ovo  
para tua multiplicação... ah, por perfeição  
excessiva quase mataste quem por este caminho  
passava mascarado por tuas  
ordens e esboços».*

*«Um poeta  
tentou fugir por entre os cortinados de almofadas  
e deixou cair o lápis que guardava  
o segredo e os sonhos das madres, mas  
um candongueiro mutilado ficou muito rico.  
Com essa sorte tinha como vender cartas com os sonhos  
nunca usados  
porque há muito que a cidade  
ficara sem luas presas  
nas palmeiras da Ilha  
de Luanda».*

*«Oh, meu conselheiro, se herdar é não ter como fazer  
escolhas diante das navalhas afiadas  
nas pedras que guardaram o fogo  
dos mais velhos  
com o que da vida lhes sobrara em febris  
ousadas, mil vezes prefiro com a bengala da velha Hebo  
partir a sanga pois as suas águas  
turbas alimentam os jacarés  
que esperam o meu  
colo».*

*«Oh, rei, precisas que apresentemos  
sempre à nossa verdade mais um defunto,  
seus paus, pedras e cal...  
Sempre queres que escrevamos com ficção  
como os nossos filhos perderam o âmago,  
mas à mentira,  
suas flores, mel e vinho, exiges que prepare  
os novos retoques  
com cores d'oiro que refaçam  
as honras».*

*«Se os velhos da sanzala do Zenza  
dizem em desafio que já são cinza e por isso a língua  
lhes está ao comprido esticada pelas emoções,  
tu, a quem há duas estações entregaram um batuque,  
um canivete, a bússola e um machado,  
precisarás da arte das trepadeiras  
que ultrapassam as copas das árvores ou janelas  
para ter o sol estendido em  
suas folhas».*

*«Para seres homem precisas de semear uma árvore  
com dádivas onde os velhos nos luandos poisarão  
os seus cansaços e oferecerão mais especulações  
à filosofia da vida; ainda de um filho  
para que o tecto e unhas dominem os dias;  
mas não basta um rabisco em livro  
pois tens de poder viver  
cada verdade das palavras que soem alto  
na montanha porque rodeada de pontos  
verticais».*

«O quarto cheio de água fez a luz  
da lua ficar em teu ventre»



a) A lua abriu um laço de prata na tua cintura para que a tua dança e suas missangas dominassem à esquina da noite todos os jovens que desceram descalços do palácio. O sossego do ouro nos seus músculos e tudo se faz pelo favo de mel quando tocas por dentro os meus ouvidos como se os teus ais fossem a descoberta do meu ungo e batuque de pele de leão que vai avançar os teus passos à fogueira que deixa os teus seios mais pontiagudos. Se o escultor da ilusão te levanta como uma deusa que lança as palavras dentro da minha pele, eu não sei nomear essa alegria de veludo, teus olhos, tão difícil de entender o seu encanto, parece que o céu não pode fazer a sorte do seu mistério, olhos grossos e tão abertos mesmo dentro da insónia que fecha numa pedra a fantasia que sossega no ouro que os jovens deixam cair no rodado do teu vestido xadrez. Devido a tão perfeita amnésia eu encanto-me com os instantes que tenho outra vez de usar pelo tacto para voltar a deixar escorrer a aguarela pelos traços finos de sedução da tua imagem».

b) Se tiver de segurar a lua precisarei  
de olhar para dentro de teus olhos e  
é um ofício que treme o meu ego como um pingo  
de chuva desperta a couve em suas próprias  
franjas entrelaçadas e que em melhor aguarela  
apresentam o seu verde de água. As sobrancelhas  
fazem um ângulo de veludo que aumenta  
os músculos das tuas palavras mais secretas  
que não podes explicar na rádio porque os poetas  
fazem longas vigias à volta das vogais e podem preparar  
umas núpcias com muitas ousadias que já foram  
nossas e que a janela aberta fez cair  
à rua. Existe uma chama absoluta  
que desloca a música em direcção a minha maior  
ilusão e só a velha Ximinha consegue  
pentear os seus cabelos, é uma boneca antiga,  
batons sem força, mas que não podem esconder  
os dentes e seus néctares, são signos d'água que enchem  
o quarto, um aquário que estraga a bússola  
para que as tuas mãos untadas d'óleo  
alcem no pilar mais próximo de teu ventre  
o cavalo que se guiou  
pelas minhas rédeas  
de ilusão.

c) O cego apanha a vara que mais gravou  
na água a tua ideia e desceu em musgos abertos  
até mim. Vi através da luz que ficou boiando na bacia  
onde tomaste banho o limite das asas, nunca pensei  
que fossem jarros e suas sombras iluminadas.  
No espaço a insegurança dos teus gestos  
porque a camisa de noite deixou o divertimento  
aumentar o vinho tinto em teus lábios  
até a borboleta sacudir as cores da lua, arranjos  
que mais brilham em teus lábios  
que deixam os poetas com inveja: «Deixaram  
cair o postigo porque os olhos ficaram cegos  
e as fogueiras fizeram crescer  
os joelhos que ocuparam as quatro paredes  
do quarto de solteiro que viu descolar  
o poster de Ciara e 50 Cent. Um busto  
foi inventado pelo sonho, os seios criam  
fontes de água nos mosteiros onde sempre  
se acorda com uma mulher estranha na almofada,  
seu excesso de transparência ultrapassa  
a pedra onde o sapo espera  
pela chuva miúda que convença o sol, seus  
cabelos de brilho no espelho onde só o teu rosto  
tem forma que faz o dia demorar nos  
gestos que invadem o ventre das mulheres  
que saíram do fogo que criaram.  
Debaixo de um vão de escada pudeste  
ver a origem do ventre, parece uma forma  
com muitas esquinas onde  
sempre se encontra um pássaro  
que faz o delírio»

d) Olha como essa folha em tuas mãos  
parece limitar o mundo em duas camas,  
mesmo quando te sentas  
nas escadas da igreja da Maxinde  
porque deixas soltos os sentidos  
que usamos no quarto cheio de água onde foi  
criada a tua mais aplicada dança  
como se fossem guelras. E o sangue  
é puro porque conheces os mares  
com o teu corpo, seus anzóis e bambus  
vergados contra o incerto fundo que guarda  
os mistérios que só podes evitar apesar de estares  
muito perto do segredo que os ouvidos  
guardaram quando tua mãe com missangas  
presas à cintura passou o dia fechada na dança do morro  
onde os mukixis dobraram os luandos  
para que a noite ficasse viciada  
nos pés que pudessem  
desafiar o silêncio: alguém disse que se vier  
com os gafanhotos uma seca o teu olhar cairá  
em lascas de pedra que se vão encher  
de couves  
bonitas.

e) À volta do teu tornozelo direito apenas sinto os anéis da música e o Artur Nunes zangado porque fogue-lhe das mãos o seu violão de lágrimas, atira-se de uma varanda que deixa o vazio encostado a uma gaivota que conhece o brilho castanho de teus olhos, é assim que o mundo existe para que toda a memória ensine como se pode fazer durar em guarda a felicidade. A vitrina completa da tua intimidade forma o meu jarro no espelho, nada mais pode ser visível nas ilusões que deixas diante dessas formas que conheço através da gravidade, umas vezes até penso que tens como inverter a dança, só o cavalo pode percorrer os dois encontros de fogo que pensam os postigos guardar quando à noite o último noctívago perguntar onde apanhaste o óleo de leão: o cavalo deixa que seques a sua alça entre o céu da sua fuga no beco mais escuro do prédio com esgotos abertos à entrada e apanhas a aliança que ninguém mais sabe guardar.

f) A água deixa três missangas molhadas e à volta do teu umbigo, por muito que fales de forma marinha, junte algas e dois cristais de sal. Empurro esse mar para conheceres como um cavalo sem guerras estremece a lua nas franhas da tua noite que à janela serve para o vizinho abrir uma piscina onde o teu corpo possa ser apreciado e não possas usar o teu nome. Só os gestos e suas geometrias de algas de intenso cheiro a maresia evitam o erro, duas cordas com suas traves que passam no meio da lua esperam o teu salto no meio das línguas de água que gostam de prender as aguarelas da noite quando todos ficam à espera da sua canoa. Conheces como uma mulher estremece a lua nas franhas que enxugam a água que inunda todo o quarto e a janela não aguenta a lua aguada.

g) Um quarto cheio de água  
porque o teu ventre prende numa concha  
o meu desejo e depois procuro ter na memória  
o trampolim que parece feito  
de fios de seda presos nos teus tornozelos  
e não posso guardar se não o suor com medo  
de ficar extenuado assim como uma águia  
desiste de mais somas de azuis para a sua vertigem.  
Precisas do meu suor e eu  
tenho de tocar no kissange afinado  
da minha juventude até para que o postigo  
conheça a curiosidade de uma virgem  
e lance longe o meu nome para merecer  
outras insónias. Não podes levar uma flauta  
sem o seu sopro: desilusão». «Um quarto  
cheio de água, seu corpo desliza  
com barbatanas que tornam mais apressado  
os cursos do rio Kwanza, ainda posso  
aguentar essas ondas e suas espumas  
barrentas». A lua é uma luz inteira  
de enigmas que se desenham nos lençóis  
que fecham a janela que divide a cidade  
em dois espelhos. Eu vi como fiquei  
com gula e sede apesar de dizeres que a melhor  
chama demora para em fina cinza  
esgotar a sabedoria do leão  
que atravessa  
o quarto.

h) O mundo e a tua janela fazem a lua  
descer pelo espelho do teu banheiro colocada no meio  
do quintal, o último sino da capela ouviu-se mal, subiu  
um gemido que deixou sete palmeiras alinhadas  
em círculos à volta do palácio. Alguém  
abriu a janela onde o guarda escondido marcou  
a hora em que podia assassinar o teu amado, sabia que do seu  
bolso nada esperaria, seriam versos e uma moeda  
pequena em valor, mas às vezes outros ouros  
levam-te à glória pelo conto mais pobre. E a túnica  
em cor de milho cobre sozinha o teu corpo, a luz da lua  
até parece que faz parte do teu trono, seus oiros  
e mármore. Porque o teu cavalo regressa  
do Sambizanga, com kissanges e ngomas que fazem  
deslizar num só ramo o teu corpo para mais perto  
do mar? Olha como no quintal os teus pés  
ensaia o choque da água misturada com folhas  
de eucalipto, sem cuidados e polícias. Os postigos  
da Ilha de Luanda são colocados nos ângulos  
fechados pelas tuas gazelas que não tinham como exibir  
os seus andares que servem para proteger a música  
quando ainda está no hall  
o teu pobre cavaleiro que decide rasgar  
a tua túnica. Ah, esse instante  
é meu: Eu vi tudo  
sem arestas, um arco  
limpo».

i) A água ao encher o nosso aquário vai fazer chegar mais longe a tua dança de ventre e meus dedos que conhecem melhor a autonomia fazem esculturas que não podem durar depois de a lua passar pelas janelas. Tudo tão leve e a piscina parece que cobre os teus gestos. A túnica não fica molhada, está presa ao tecto com os cuidados das partituras cheias de sombras de mulheres que com foles tentam secar as argilas, são formas que abandonam as febres que passam pelo postigo que gosta de girar à volta da lua. A tua voz levanta uma fogueira porque é dominada pela ideia que inunda de água o nosso quarto. Alguém acorda um pássaro porque todo o horizonte foi feito no mesmo instante em que Deus confessou que expulsou o homem e a mulher por terem esmagado as luas debaixo da oliveira mais alta e frondosa e não conseguiram desfazer-se da gula das maçãs.

j) Olha como o colar d'oiro da Matamba  
poisa sobre o teu busto, mas sobe à cabeça  
a noção da manga aberta pelas unhas. Os lábios  
tremem de sede e não tens como impedir a autonomia  
da lua, um político ainda a quis  
só para o seu terraço onde sempre exibiu  
a sua taça de ouro pesado e os vizinhos  
viveram o fascínio e partiram todas as lâmpadas  
da rua, mas o mar já estava fora da sua bacia  
porque os pés de Nandjá ficaram molhados  
e aumentaram a neblina que esconde o mundo  
em seus naufrágios. O mármore queima  
os teus pés, ainda procuras saber  
o nome do pássaro que te puxa  
pela cintura e tens a piscina inclinada  
por dois laços de lençol que aumentam  
o poder dos músculos. A cidade está distante  
mas vêem-se os lençóis presos  
à janela e dois poetas seguram as suas pontas  
e mais gaivotas perseguem os olhos que enganam  
a canoa que desafiam os piratas com redes  
rasgadas e lançam outra vez  
o seu corpo para  
a água.

*«Tens uma meta que alcanças,  
podes dizer que esse é o teu mundo, só que depois de uma noite  
precisas de uma nova provocação para viveres  
além da última meta»\**

*\*Máxima do autor no livro *Olímias*, Luanda,  
União dos Escritores Angolanos*

*Vasconcelos, AB • 219*



# ENTRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA: a poesia

Jurema Oliveira

*Vasconcelos, AB • 221*



O passado apresenta várias versões, ele está imbricado entre a memória e a história e encontra na linguagem artística o suporte decisivo que “reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual” (BOSI, Ecléa, 1995, p.56). A memória traz à tona não só as percepções passadas, mas as sensações do presente que confluem e se complementam no instante da criação como força subjetiva e produtora dos símbolos profundos e ativos para compor o universo estético do escritor.

A vigília atual se processa no discurso poético como forma de interpretação do passado. Esta atitude explorada na escrita, além de fazer circular os vários “falares”, abre caminho para a diferenciação, para o resgate dos materiais simbólicos à disposição do autor que busca encenar na poesia um conjunto de representações presentes na consciência do sujeito poético. Metaforizando aspectos da memória histórica, Adriano Botelho aproxima o ontem e o hoje em linguagem poética para intercambiar experiências comunicáveis tão valorizadas na tradição oral de sua terra. Na produção do poeta angolano, os movimentos impostos ao sujeito poético advêm da sua habilidade para depreender gestos, hábitos, rituais e ritmos próprios da técnica da poesia moderna de modo que possa socializar com o leitor uma nova forma de visualizar as experiências que amarram a história do indivíduo à história da coletividade.

Valorizando aspectos como a estrutura poético-narrativa, a exploração valorativa das imagens submersas na memória e a estrutura da palavra, num processo de restauração e invenção, o poeta dá o colorido necessário ao texto. Com a recriação frasal por meio de realces

materiais, inversões da sintaxe oracional, subversão do sistema de pontuação “ como o uso de aspas para realçar aspectos factuais “ e a disposição do texto na página, Adriano Botelho instaura um estilo próprio de escrever e inscrever poeticamente a memória e a história.

Numa explosão dos sentidos paradigmáticos da poesia, Adriano Botelho valoriza o estilo narrativo para fazer falar o individual e o coletivo, como bem define o poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto: “Somos muitos Severinos / iguais em tudo na vida e na sina”. Sina esta, mantenedora do sonho que realimenta uma imagem fugidia de uma utopia desejada, mas dispersa “em muitas aquarelas” como se vê em *Luanary*.

O discurso poético de Adriano se constrói num processo dialógico. A poesia faz circular os saberes de forma intertextual e cria novas redes de complicitades. O trabalho artístico busca respostas para perguntas provenientes das inquietações humanas. A função poética da linguagem está fixada na mensagem e coloca em segundo plano o referente por meio de recursos forma/conteúdo, tais como associações de sons e imagens na língua “alterada” e transformada por recursos estéticos e semânticos, como se depreende no poema a seguir:

<< As gaiotas já foram crianças abandonadas  
ainda no berço e podias chamá-las de José. Os nomes  
não podem fazer o registo da utopia  
porque até o sol apesar da sua altura nunca  
oferece o céu para que mais loucos  
fiquem assustados à porta do teu palácio. Oh, rei,  
tiraste-me o pote de mel e só precisaste  
de um café sem açúcar! O movimento da colher  
empurrava a sala oval, terrinas de oiro  
vazias ficaram cheias dos meus  
objectos: anéis, colares... chaves de um BMW, em rotação  
diferente, como abrupta queda de mim mesmo. Era  
só veres como iluminada estava a foto  
do tio que eu abandonara, as minhas  
lágrimas nada podiam fazer. Antes de chorar com os filhos,  
já os mais fortes da sanzala tinham abandonado  
o meu quintal e percebi como a solidão é vizinha da  
penúria>> (*Luanary*).

Seguindo a linha de fuga promovida pelo dialogismo, as imagens expostas no poema acima nos remete a outro poeta brasileiro, Carlos Drummond de Andrade, e a seu poema “E, agora José?”. O José do poeta brasileiro é um operário que, assim como o José do poeta angolano, metaforiza sua contribuição na construção dos palácios onde, concluída a obra, já não poderá entrar. E se “os nomes não podem fazer o registo da utopia” (*Luanary*), os poetas podem construir a utopia com imagens que impulsionam a vida, mesmo depois de os “mais fortes da sanzala [terem] abandonado o meu quintal” (*Luanary*) e o José drummondiano ainda perguntar “para onde?”.

Nesta obra, as versões do passado são reatualizadas com imagens elaboradas por um procedimento produtor de opiniões que articulam experiências só evidenciadas no presente com a reconstrução factual. Reconstrução esta, capaz de promover o questionamento de vozes individualizadas e coletivas que compõem o mosaico poético e trazem à tona as águas revoltas do passado para reinterpretá-las no espaço literário onde ocorrem reflexões acerca do “silêncio [que] fez a noite ser mais longa pelo rabo de uma cobra que toca os tambores que ainda guardam as lágrimas dos kombas” (*Luanary*).

As imagens densas da história, sob o prisma da imaginação criadora, transformam o destino pensado por Bachelard acerca das águas entorpecidas, pesadas, símbolo da violência que define o curso da vida em metáforas de leveza repletas de “balões feitos com leves espelhos de água que deixam o mundo mais bonito” (*Luanary*).

Envolto numa aura de rememoração, *Luanary* transita entre a tradição e a modernidade, com um discurso entrecortado por traços que ligam o sujeito poético ao discurso do contador de histórias e ao universo artístico que valoriza a descoberta de novos processos que atualizem no imaginário os valores da tradição. E já que as transformações associadas à modernidade modificaram as relações do indivíduo com suas práticas discursivas, o sujeito poético afirma sua forma de estar no mundo individualizando-se e diz:

[...] lá longe, onde só Deus pode escutar, as minhas palavras  
perdiam cada vez mais a matiz  
da minha identidade e os outros loucos  
mais antigos que se suicidavam aproveitando

a vertigem a saldo. Falo de Lameira, Viriato, Aristóteles e Zaratustra, Luther King, Kwame Nkrumah (*Luanary*).

Nessa dinâmica discursiva, Adriano Botelho traz à cena figuras históricas e a idéia da perda identitária para promover no cenário poético a crítica a uma época em que

[...] «Oh, Pátria, queríamos  
ser os únicos untados com azeite das lamparinas  
que protegessem a nossa sorte, aqueles que passassem  
pela dor de Njinga como se fosse bálsamo  
e trigo para toda a epopéia, mas não podemos deixar de sofrer  
com os irmãos que pior dor, sina e morte receberam  
de seus camaradas e compadres (*Luanary*)

Com um dinamismo típico de um contador de histórias, Adriano estabelece um pacto com a tradição para manter viva a chama que alimenta a existência de toda uma coletividade. Sua poesia revigora o ritual de transmissão de conhecimento e irriga com as experiências individuais e coletivas a cadeia primordial da arte de narrar, que nesta obra vai pouco a pouco adquirindo um status mágico, ritualístico “ um ato de iniciação ao universo da angolanidade. Podemos dizer então que a poesia de Adriano Botelho atinge a dimensão histórica do narrador/ contador de histórias. Essa dimensão corporifica um sistema de valores estéticos capaz de recuperar o espaço matricial da tradição em vários níveis para fazer circular num jogo intertextual as marcas peculiares à memória e à história. Com imagens sensoriais que transitam entre a poesia e a prosa, o autor de *Luanary* representa, com toda a força que emana das palavras, a vida.

Jurema Oliveira





# Índice



**«Solidão é não encontrares em tuas entranhas  
uma luz capaz de cuidar dos relevos e lamas dos teus caminhos»**

1. **«Estou no ringue para indicar o que posso segurar**
- 1.1. «Oh, ofereço-te a minha glória para ter o teu perdão
2. **«A eternidade do soba nunca se medirá pelo**
- 2.1. Na pá do coveiro de Santana o mundo
3. **«Um reino apesar dos sabres mais afiados**
- 3.1. «É uma pintura?», perguntou o Secretário do museu
4. **«Oh, rei, vais perder a tua túnica de seda da Índia**
- 4.1. «O pote de mel aberto permite que em suas mãos
5. **«Oh, meu rei, se puderes com a tua bondade**
- 5.1. «Oh, meu rei, deixaste que eu tocasse alto
6. **«As gaivotas já foram crianças abandonadas**
- 6.1. Todo o poder tem o seu próprio oratório
7. **«Usaste a minha mão direita como ponta**
- 7.1. «Essas folhas no chão mais se parecem com as vidas
8. **É em todas as interrogações que a luz**
- 8.1. «Oh, meu rei e guia, o que demora em minha mão
9. **Nos escombros as razões arrastam-se**
- 9.1. «Oh, pobre caçador de sonhos, com a tua astúcia
10. **«Os confrades deveriam comer no mesmo prato**
- 10.1. «Quem és tu? Diz o nome que te empresta
11. **«Oh, pobre Tiba, o que tens de amor por mim**
- 11.1. «A cópia da coroa está dentro das nossas vidas
12. **«Oh, meu rei, o Tiba diverte-te com palavras**
- 12.1. «A morte que fecha os olhos com seus tampos
13. **«Tu trazes a tua verdade num cavalo**
- 13.1. «Todas as mães estiveram no átrio da igreja
14. **«Amarei e avançarei por entre versos e sabres**
- 14.1. «Oh, amigo Tiba, estes trajos rasgados e sujos
15. **«Não, não posso perdoar se deixares**
- 15.1. «Apesar de vestires o melhor fato
- 15.2. «Quando dormires com o verdugo não olhes em demasia
- 15.3. «O verdugo quando se passeia pela sanzala com assobios
16. **«Oh, onde está a perfeição se diante desses**
- 16.1. As Mães levantam as fotos dos filhos e o dia treme
17. **«O que garante hoje a tua glória na sanzala**
- 17.1. «Não, meu rei grande, esse jogo só o vences

*«E se uma maxima fosse o abrir de uma  
interrogação em algum momento?»*

18. **«Sempre existe uma beleza que puxa pela ousadia**
- 18.1. «Olhas para dentro de ti e não sabes como Deus
19. **«O grilo tem no assobio que domina o campo**
- 19.1. «Oh, meu rei, os filósofos só crescem com os teus erros
20. **Os olhos são o espelho da alma, só por isso**
- 20.1. Precisas conhecer melhor o espaço materno
21. **«Não se pode ficar sentado na cadeira**
- 21.1. «Oh, rei, não nos escutas apesar de ser de traços celestes
22. **Se tens culpas quem somos nós para oferecer**

- 22.1. «As vespas sempre se lançam em sangue contra os seus  
 23. **«Os gafanhotos passaram pelas nossas**  
 23.1. «Vives como se o teu domínio  
 24. **«Oh, rei, não podes comprar a tua salvação**  
 24.1. «Oh, rei, até cristo teve as suas odisseias  
 25. **«Que guerra te deixara sem generais**  
 25.1. E a Kinduma disse-lhe: «Volta pelas mesmas dores  
 26. **«A confusão quando cria o seu camaleão**  
 26.1. «Oh, nossa mamã, um homem não foge

*«Se ouvires o tronco da mulemba partir-se tenta  
 saber que nome a lua enterrou no teu quintal»*

*Andamento n.º 1: Único: Oh, eucaliptos altos e de boa sombra*

*Andamento n.º 2: Diante da minha porta do quintal*

*«E se uma maxima fosse o abrir de uma  
 interrogação em algum momento?»*

**«Se quiseres pescar o bagre não mexas a água turva»**

27. **Todos os rosários que passaram pelos meus dedos**  
 27.1. Se, por esta mesa, tudo mais se tenha que adiar  
 27.2. «Essa água do banho de teu corpo tem o teu cansaço  
 27.3. «Através desse espelho de água que tem a dose dos teus  
 28. **Esta manhã foi fechada no teu ventre, num palmo**  
 28.1. «Oh, manhã, recusas essas persianas que fecham  
 28.2. «Uma catedral é o que mais faz brilhar a tua  
 28.3. «Uma catedral pode tornar visível o que a noite  
 29. **Esse espaço só o teu gesto pode ocupar, alarga-se**  
 29.1. «Uma âncora de ilusão pode salvar o Jorge Amado  
 29.2. «Um fruto maduro, até pela pressa como o devoras  
 29.3. «Oh, esse mar veio com a gaivota que deixei  
 30. **«Oh, meu pai, tantas pepitas de oiro para cobrir**  
 30.1. Esses cavalos e suas calçadas de pedra e um palácio  
 30.2. «O epitáfio pode ser escrito com os dedos do  
 30.3. «Podes dizer que os amas assim como o leão  
 31. **«Oh, minha filha, minha bastante herdeira**  
 31.1. «Um jogo precisa de derrotas maiores  
 31.2. «Oh, querido pai, sabes agora como a tua vingança  
 31.3. «Oh, querido rei, sei que o teu castigo  
 32. **«Usaste a minha mão direita como ponta**  
 32.1. «Onde chegou a tua mão direita

33. «Uma mão só sente a forma do pão  
 33.1. Depois da visita do último aldeão à casa do Rei
34. «As sandálias rotas, teus pés no mesmo chão  
 34.1. «Estás a braços com o espelho de ti próprio
35. «Como é que um poeta deixou  
 35.1. «Um dente cariado de um poeta não pode alterar
36. «Heh!, papá Tungui, diz se o mel  
 36.1. «Oh, grande Rei, o meu filho não voltou
37. «Dirás que essa é a muralha da nossa vida  
 37.1. «Depois de matar a sede na tua caneca
38. «Toda vida guardo dores  
 38.1. Olha, amor, o pano do Congo que comprei
39. «Se é pelo coração que passa vaidosa  
 39.1. «Não, não olhem para dentro de mim
40. «Oh, nuvens de algodão, a que mais desce  
 40.1. «Oh, Tiba, repara como as minhas mãos
41. «Viemos de longe, dizem esses pés  
 41.1. «Oh, soba grande, tentas saber se

*«A montanha fez o silêncio, mas perdeu o melhor pastor porque  
 todas as suas palavras passeiam com o vento  
 e não voltaram para  
 que vissemos o quanto emagreceram»*

*Andamento n.º 3: Oh, amor, a vida não pode ser edificada*

*Andamento n.º 4: O que disse em delírio só vale o que recebi*

*«Tens o maluco que juntam os homens da sanzala  
 à volta da tua vaidade, chega o infortúnio e o pátio  
 é o lugar onde só o vento brinca com as folhas  
 caídas»*

*1. Sentença: Oh, Rei, o pássaro da noite*

*1.1. Sentença: Todo o sonho procura perseguir*

1. *Máxima da Sentença: «Não podes dizer que a poeira*
2. *Máxima da Sentença: «Oh, Rei, dançamos o teu batuque*
3. *Máxima da Sentença: «Oh, meus servos, dois olhos*
4. *Máxima das Máximas: «Oh, Rei, se um embondeiro*

«Se os deuses nascem com a nossa dor, as rosas vivem em cores fortes com as velas que  
deixamos acesas sobre as bancas de cabeceira»

42. Não vais negar que esse musgo
- 42.1. «Entrego essa velas às minhas entranhas
43. «E o prego que falta não é um sonho
- 43.1. «Pega-se a ponta da noite
44. «Olhas para o vizinho através dos seus nove anéis
- 44.1. «O boi no espeto apesar de levantar uma poeira
- 44.2. «Olhas para o vizinho não pelo orgulho
- 44.3. «Feres a tua infância com o que te envergonha
45. «Essa porta é assim tão longa?»
- 45.1. «Corre pela minha imagem um artesão
46. «Oh, chão e lua numa só insónia
- 46.1. A madre mora num convento feito
- 46.2. «Um simples olhar sabemos que não pode
- 46.3. «Uma janela aberta apesar da lua
47. «Oh, espuma que mais torna a minha
- 47.1. «O velho Kingala não erra
48. «O que conhecemos não chega
- 48.1. «Oh, vida, sempre aproximei o sol
49. «Não quero ter cinco olhos, no céu
- 49.1. E Deus já não toca
- 49.2. « uma traição não precisa das razões
- 49.3. «O azeite da lamparina apesar de purificar a luz
50. «Se esse bode nem poder andar até à porta
- 50.1. «Aqui está o bode»
51. No lugar onde mais dificuldade temos
- 51.1. «Olha, mestre Tukina, toca o batuque
52. «Essa noite é nossa!»
- 52.1. A tua cintura guarda uma cobra
- 52.2. «Não duvides do lugar da lua nos lençóis

52.2. «Não olhes para a cobra com sete paus

*«E se uma maxima fosse o abrir de uma  
interogação em algum momento?»*

«O quarto cheio de água fez a luz da lua ficar em teu ventre»

- a) A lua abriu um laço de prata na tua cintura
- b) Se tiver que segurar a lua precisarei
- c) O cego apanha a vara que mais gravou
- d) Olha como essa folha em tuas mãos
- e) À volta do teu tornozelo direito apenas sinto
- f) A água deixa três missangas molhadas e à volta
- g) Um quarto cheio de água
- h) O mundo e a tua janela fazem a lua
- i) A água ao encher o nosso aquário vai fazer
- j) Olha como o colar d'oiro da Matamba









